



Personagens

ORSINO, Duque da Ilíria.

SEBASTIÃO, irmão de Viola.

ANTÔNIO, capitão de navio, amigo de Sebastião.

VALENTIM }
CÚRIO } gentis-homens da corte do duque.

SIR TOBIAS BELCH, tio de Olívia.

SIR ANDRÉ AGUECHEEK.

MALVÓLIO, intendente de Olívia.

FABIANO }
FESTE } da casa de Olívia.
BOBO }

OLÍVIA, condessa rica.

VIOLA, apaixonada do duque.

MARIA, criada de Olívia.

Nobres, sacerdotes, oficiais, músicos e gente do séquito.

Cena

Cidade da Ilíria e a costa próxima.

Ato I · Cena I

Um quarto no palácio do duque.

Entram o duque, Cúrio e nobres. Músicos no fundo.

DUQUE · Tocai, tocai, se for, de fato, a música alimento do amor. Mais: que o apetite, saciado, adoecer possa e a morrer venha.

Novamente esse trecho; morre lânguido!

Oh! vibra-me no ouvido como a brisa que passa de mansinho num canteiro de violetas, roubando e dando aroma.

Basta! Já não está tão melodioso.

Oh espírito do amor, quão lesto e fresco te apresentas! Por mais que tudo acolha

tua capacidade, como o oceano,

também quanto ali cai, por mais valioso, num minuto se abate e perde o preço.

Tão cheia de criações é a fantasia, que nada há mais fantástica do que ela.

CÚRIO · Quereis caçar, senhor?

DUQUE · Que caça, Cúrio?

CÚRIO · Cervo.

DUQUE · Já o fiz com o que possuo de mais nobre.

Quando Olívia meus olhos enxergaram,

quis parecer-me que ela o ar alimpava

de toda pestilência. Nesse instante

em cervo me mudei, a que os desejos

perseguem desde aí, como rafeiros

impiedosos e cruéis.

(Entra Valentim.)

Então, que novas

me trazes dela?

VALENTIM · Perdão, milorde,

mas não fui recebido; sua criada

foi que me fez saber esta resposta:

o próprio céu, durante estes sete anos,

não há de ver-lhe o rosto descoberto.

Velada há de andar sempre, como freira,

e, uma vez cada dia, o próprio quarto

há de lavar com lágrimas: tudo isso

para o amor sazonar do irmão defunto

que conservar deseja perdurável

e fresco em sua triste lembrança.

DUQUE · Oh! se ela abriga um coração tão terno

no imo peito, que a dívida do afeto

paga a um simples irmão dessa maneira,

como não amar, quando a preciosa

seta de ouro houver nela dado a morte

às demais afeições e nesses troncos

soberanos; cabeça, peito e fígado,

perfeições inefáveis, vier um dia,

como dono, a assentar-se um Rei somente!

Sigamos para o tálamo das flores,

onde medram melhor sonhos de amores.

(Saem.)

Ato I · Cena II

Beira-mar.

Entram Viola, um capitão e marinheiros.

VIOLA · Como se chama este país, amigos?

CAPITÃO · Ilíria, senhorita.

VIOLA · Que farei na Ilíria? Meu irmão se acha no Elísio.

Talvez não se afogasse. Marinheiros,

que pensais de tudo isso?

CAPITÃO · Fostes salva

por sorte, simplesmente.

VIOLA · Oh, pobre irmão!

Quem sabe se igual sorte ele não teve?

CAPITÃO · Sim, senhorita; e para consolar-vos

com um talvez, ficai certa de que logo

que o navio se abriu, quando vós mesma

e mais uns poucos míseros se achavam

no barco junto a mim, vi vosso irmão

que, enfrentando o perigo, se amarrava —

o valor e a esperança lhe serviram

de mestre nessa prática — a um possante

mastro que então no mar se achava solto,

no qual, como outro Aríone no dorso

do delfim, pelejava contra as ondas,

enquanto pude vê-lo.

VIOLA · Toma este ouro por tua narração. Meu salvamento me confere esperanças, que tua fala vem reforçar, de que ele a mesma sorte tenha tido. Conheces esta terra?

CAPITÃO · Conheço bem; nasci e fui criado a três horas apenas deste ponto.

VIOLA · Quem governa o lugar?

CAPITÃO · Um duque, nobre no nome e no caráter.

VIOLA · Qual seu nome?

CAPITÃO · Orsino.

VIOLA · Orsino! Sim, meu pai falava nele; era solteiro, então.

CAPITÃO · Ainda é solteiro, ou até bem pouco, ao menos, porque da última vez que viajei, há um mês, corria à boca pequena — bem sabeis que os grandes sempre são assunto do povo — que ele o afeto solicitava da graciosa Olívia.

VIOLA · Quem é ela?

CAPITÃO · Uma moça exemplar, filha de um conde que há uns doze meses faleceu, deixando-a sob o amparo de um filho, irmão de Olívia, que também morreu logo e por quem ela, segundo dizem, abjurou da vista

dos homens e de sua companhia.

VIOLA · Quem me dera servir a essa senhora sem deixar que a saber o mundo venha, enquanto não me soar a hora oportuna, a minha posição!

CAPITÃO · Eis o que é muito difícil de fazer, que ela se furta de solicitações, até do duque.

VIOLA · Tuas maneiras, capitão, são belas, e embora a natureza às vezes cubra com lousas apazíveis a carniça,

quero crer que possuis entendimento que corresponde ao teu caráter franco.

Eu te suplico — e saberei pagar-te — não dizeres quem sou e me ajudares a disfarçar-me como for mais viável para o meu plano: vou servir ao duque; como eunuco, a ele vais recomendar-me; não ficarás em posição difícil, pois canto muito bem e hei de entretê-lo com música variada. Estou, portanto, bem apta para entrar a seu serviço.

Confio ao tempo o mais que sobrevier; conforma o teu silêncio ao que eu fizer.

CAPITÃO · Tornai-vos, pois, eunuco; eu serei mudo; dos olhos, se eu falar, me suma tudo.

VIOLA · Obrigada; conduze-me.

(*Saem.*)

Ato I · Cena III

Um quarto em casa de Olívia.

Entram Sir Tobias Belch e Maria.

SIR TOBIAS · Que diabo ocorreu à minha sobrinha, para que ela encare a morte do irmão dessa maneira? Tenho certeza de que a tristeza é inimiga da vida.

MARIA · Por minha fé, sir Tobias, deveríeis entrar mais cedo todas as noites. Vossa sobrinha, minha senhora, comenta muito essa falta de horário.

SIR TOBIAS · Ora, é melhor comentar do que ser comentado.

MARIA · Sim, mas devíeis cingir-vos aos modestos limites da ordem.

SIR TOBIAS · Cingir-me! Não posso cingir-me melhor do que o faço. Para beber, estas vestes estão muito

boas, assim como as botas; e se o não estiverem, que fiquem penduradas nos próprios cordões.

MARIA · Essas esbórnias e bebedeiras acabarão por arruinar-vos; ouvi a senhora falar disso ontem, e também do cavaleiro imbecil que trouxestes uma noite destas para cortejá-la.

SIR TOBIAS · Quem? Sir André Aguecheek?

MARIA · Esse mesmo.

SIR TOBIAS · É um sujeito tão alto como qualquer homem da Ilíria.

MARIA · E a que vem isso?

SIR TOBIAS · Ora, dispõe de três mil ducados por ano.

MARIA · Sim, mas não terá mais de um ano para gozar os seus ducados; não passa de um tolo e de um grande esbanjador.

SIR TOBIAS · Ora, dizerdes semelhante coisa! Ele sabe tocar violoncelo, fala sem dicionário as palavras de três ou quatro línguas e é adornado de todos os dotes da natureza.

MARIA · De fato, e muito ao natural, porque além de ser um idiota chapado, é um grande altercador; e se não fosse o dom da covardia, para atenuar-lhe o gosto das discussões, opinam as pessoas sensatas que dentro de pouco tempo lhe seria concedido o dom de uma sepultura.

SIR TOBIAS · Por esta mão, não passam de velhacos e detratores os que lhe assacam tais coisas. Quem são eles?

MARIA · Os mesmos que acrescentam que todas as noites ele se embriaga em vossa companhia.

SIR TOBIAS · Com libações à saúde de minha sobrinha. Hei de beber à sua saúde enquanto minha garganta der passagem e houver bebida na Ilíria.

Não passa de covarde e servil quem não beber à sua saúde até que o cérebro vire à volta das pernas como um pião de igreja. Mas caluda, rapariga! Castiliano vulgo! Aí vem vindo Sir André Agueface.

(Entra sir André Aguebeck.)

SIR ANDRÉ · Sir Tobias Belch! Como ides passando, sir Tobias Belch?

SIR TOBIAS · Delicioso sir André!

SIR ANDRÉ · Deus vos abençoe, graciosa fúria.

MARIA · E a vós, também, senhor.

SIR TOBIAS · Agora o assalto, sir André.

SIR ANDRÉ · Que vem a ser isso?

SIR TOBIAS · A criada de quarto de minha sobrinha.

SIR ANDRÉ · Minha boa mistress Assalto, desejaria conhecer-vos mais de perto.

MARIA · Eu me chamo Maria, senhor.

SIR ANDRÉ · Minha boa mistress Maria Assalto...

SIR TOBIAS · Estais enganado, cavaleiro; aquela expressão significa enfrentar, abordar, conquistar.

SIR ANDRÉ · Por minha fé, não a assaltaria em semelhante companhia. Assalto significa isso tudo?

MARIA · Passai bem, cavalheiros.

SIR TOBIAS · Se deixardes que ela vá desse jeito, sir André, nunca mais poderás sacar da espada.

SIR ANDRÉ · Se vos fordes desse jeito, senhora, não quero nunca mais sacar da espada. Formosa dama, imaginai, porventura, que tendes tontos entre as mãos?

MARIA · Não vos tenho à mão, senhor.

SIR ANDRÉ · Com a breca! Mas haveis de ter-me; aqui está a minha mão.

MARIA · Meu senhor, pensamento não paga imposto; por obséquio, passai a mão pela janela da copa e deixai-a umedecer.

SIR ANDRÉ · Por que isso, agora, minha beleza? Qual é o significado de vossa metáfora?

MARIA · É que está seca, senhor.

SIR ANDRÉ · Estou vendo; mas não sou tão burro que não possa trazer a mão sempre seca. Em que consiste a brincadeira?

MARIA · Uma brincadeira seca, senhor.

SIR ANDRÉ · E tendes sempre grande messe de semelhantes brincadeiras?

MARIA · Perfeitamente, meu senhor; trouxe-as na ponta dos dedos; mas depois de largar a vossa mão, fiquei sem nenhuma.

(Sai.)

SIR TOBIAS · Estás precisando, cavaleiro, de um copo de canárias. Quando foi que eu já te vi tão abatido?

SIR ANDRÉ · Jamais, em toda a vida, quero crer, a menos que o vinho canárias me derrube. Às vezes chego a pensar que sou dotado de menos talento do que um cristão ou qualquer pessoa vulgar. Mas o fato é que sou um grande comedor de carne, o que, a meu ver, prejudica o talento.

SIR TOBIAS · Não cabe dúvida.

SIR ANDRÉ · Se tivesse certeza disso, renunciaria a ela. Amanhã vou a cavalo para casa, sir Tobias.

SIR TOBIAS · *Pourquoi*, meu querido cavaleiro?

SIR ANDRÉ · Que significa esse “*pourquoi*?” Ir embora ou continuar aqui? Quisera ter aplicado no estudo de línguas o tempo gasto com esgrimas, danças e caçadas de ursos. Oh! se eu me tivesse dedicado exclusivamente às artes!

SIR TOBIAS · Terias agora uma cabeleira admirável.

SIR ANDRÉ · Como assim? Lucrariam os cabelos com esse fato?

SIR TOBIAS · Sem dúvida, pois bem vêes que eles, por natureza, não são crespos.

SIR ANDRÉ · Mas caem-me muito bem, não é verdade?

SIR TOBIAS · Admiravelmente; como linho da roca; espero ainda ver uma governante colocá-los entre as pernas para fiá-los.

SIR ANDRÉ · Mas o certo é que amanhã irei para casa, sir Tobias; vossa sobrinha não quer ser vista, e

ainda que chegasse a sê-lo, aposto quatro contra um em como não há de ser por minha causa; o próprio conde, daqui perto, lhe faz a corte.

SIR TOBIAS · Ela não quer saber do conde; não procura partido acima de sua posição, de seu estado, dos anos e do talento. Ouvi quando ela jurava isso mesmo. Ânimo, que ainda há esperança, homem!

SIR ANDRÉ · Vou ficar mais um mês; sou o tipo mais original do mundo; por vezes, encontro prazer extraordinário em mascaradas e diversões.

SIR TOBIAS · Tendes habilidade para semelhantes ninharias, cavaleiro?

SIR ANDRÉ · Mais do que qualquer pessoa da Ilíria, seja ela quem for, tirando os profissionais; contudo, não desejo comparar-me com um velho.

SIR TOBIAS · E a tua habilidade na galharda, cavaleiro?

SIR ANDRÉ · A-la-fê, atiro-me excelentemente numa cabriola.

SIR TOBIAS · E eu me atiro num cabrito como ninguém.

SIR ANDRÉ · Penso que ninguém na Ilíria sabe dar saltos de costas da altura dos meus.

SIR TOBIAS · Por que permanecerem ocultas essas coisas? Por que correr uma cortina sobre tantas habilidades? Deverão elas criar poeira, como o retrato de mistress Mall? Por que razão não vais à igreja dançando uma galharda e não voltas para casa no ritmo de coranto? Eu só andaria no compasso da giga; até para desaguar, só o faria no tempo de cinco passos. Que te parece? Este mundo é lá para que ocultemos nossas virtudes? Pela excelente constituição de tuas pernas, vi logo que haviam sido feitas sob a estrela de uma galharda.

SIR ANDRÉ · São, de fato, vigorosas, e de regular aparência quando com meias cor de fogo. Vamos arranjar um rega-bofé?

SIR TOBIAS · Que outra coisa poderemos fazer? Não nascemos sob o signo de Taurus?

SIR ANDRÉ · Taurus! Isto é, costados e coração.

SIR TOBIAS · Não senhor, quer dizer pernas e coxas. Mostrai-me uma das vossas cabriolas. Ah, ah! Mais alto! Ah, ah! Excelente!

(*Saem.*)

Ato I · Cena IV

Um quarto no palácio do duque.

Entram Valentim e Viola em trajos masculinos.

VALENTIM · Se o duque continuar a favorecer-vos desse modo, Cesário, ireis longe; conhece-vos apenas há três dias e já não lhe pareceis estranho.

VIOLA · Revelais medo de seu caráter ou de minha negligência para pordes em dúvida a continuação de seu afeto. É ele inconstante, senhor, em seus favores?

VALENTIM · Não, podeis crer-me.

VIOLA · Muito obrigado; aí vem vindo o conde.

(*Entram o duque, Cúrio e séquito.*)

DUQUE · Qual de vós viu Cesário?

VIOLA · Aqui me acho, milorde, às vossas ordens.

DUQUE · Afastai-vos um pouco. Ora, Cesário, ficaste a par de tudo, pois já leste as folhas mais secretas de minha alma.

Por isso, bom rapaz, vai ter com ela;

não aceites escusas, à sua porta

te planta e lhe anuncia que raízes

hão de aí criar teus pés, até que obtenhas

audiência de sua parte.

VIOLA · Se ela, nobre senhor, se entrega ao luto, o que é notório, jamais consentirá em receber-me.

DUQUE · Faze barulho e quebra as conveniências, mas não me voltes cá de mãos vazias.

VIOLA · Admitamos que a veja; e aí, senhor?

DUQUE · Oh! desdobra-lhe o ardor do meu carinho, emociona-a falando-lhe de minha fidelidade; saberás mostrar-lhe todo o meu sofrimento. Ela há de a tua juventude atender mais pressurosa do que a nuncio qualquer de aspecto grave.

VIOLA · Não penso assim, milorde.

DUQUE · Podeis crer-me,

caro donzel; sim, fora caluniar

tua idade risonha, se disséssemos

que é homem feito: os lábios de Diana

não têm esse frescor nem são tão róseos;

tua vozinha clara e tão sonora

lembra uma virgem; tudo em ti revela

algo de feminino. É certo teres

nascido sob um signo que se torna

apto para este caso. Que o acompanhem quatro ou cinco... Não, todos, se quiserdes, porque fico melhor sem companhia. Sai-te bem disso, e viverás tão livre assim como teu amo, cuja sorte será também a tua.

VIOLA · Farei tudo para a afeição ganhar de vossa dama.
(*à parte*) —
Oh dor! embora o veja assim ferido, eu mesma o desejava por marido.

(Saem.)

Ato I · Cena V

*Um quarto em casa de Olfóvia.
Entram Maria e o bobo.*

MARIA · Agora me conta onde estiveste, sem o que não abrirei os lábios um tantinho sequer para desculpar-te. A senhora vai mandar-te enforçar.
BOBO · Que me importa! Quem já está mais do que enforcado no mundo, não tem medo de cores.
MARIA · Como assim?
BOBO · É que, vendo as cores, não pode ter medo delas.
MARIA · Resposta muito choca. Posso dizer-te de onde é que vem isso de não ter medo de cores.
BOBO · De onde vem, minha boa mistress Mary?
MARIA · Da guerra; vossa falta de senso é que vos leva a dizer isso com petulância.
BOBO · Bem; Deus conceda sabedoria aos que já a possuem e permita que os tontos se valham de seus talentos.
MARIA · Sem embargo, ides ser enforcado por terdes ficado tanto tempo ausente, no caso de não serdes despedido, o que para vós equivale a ser enforcado.
BOBO · Uma boa força livre de um mau casamento; quanto a ser despedido, o verão dará remédio.
MARIA · Estais, então, decidido?
BOBO · Não dessa maneira; mas me decidi acerca de dois pontos.
MARIA · Desse modo, se um ceder, o outro ficará firme; mas no caso de cederem ambos, os calções virão abaixo.
BOBO · Precisamente, por minha fê; muito bem dito. Continua nesse caminho; se sir Tobias deixasse de beber, serias o pedaço de carne de Eva mais espirituoso de toda a Ilíria.
MARIA · Silêncio, maroto; paremos com isso; aí vem vindo a senhora. Fariais bem apresentando desculpas razoáveis.

(Sai.)

BOBO · Espírito, se tal for a tua vontade, inspira-me boas loucuras! As pessoas espirituosas que julgam possuir-te, no mais das vezes demonstram não passar de simples parvos, ao passo que eu, com a consciência do que careço, vou passar por bom homem sensato. Que diz Quinapalus? “Mais vale um tolo sábio do que um sábio tolo.”

(Entram Olfóvia e Malvólio.)

Deus te abençoe, senhora.
OLÍVIA · Levai o bobo daqui!
BOBO · Não ouviram, companheiros? Levai daqui a senhora.
OLÍVIA · Retirai-vos; não passais de um tolo seco, de quem não quero ouvir falar. Além do mais, estais ficando desonesto.
BOBO · Dois defeitos, madona, que a bebida e os bons conselhos corrigirão. Se derdes de beber a um bobo seco, ele deixará de ser seco; ordenai ao desonesto que se corrija: no caso de vir ele a emendar-se, deixará de ser desonesto; se não puder fazê-lo, o remendão que o remende. Tudo que é emendado, é remendado; a virtude que comete algum deslize, fica remendada com o pecado; o pecado que se corrige, torna-se remendado com a virtude. Se este silogismo simples puder servir, muito bem; caso contrário, que remédio? Assim como não há verdadeiro cornudo afora a calamidade, assim também a beleza é uma flor. A senhora mandou que retirassem daqui o tolo; é por isso que eu digo: levei daqui a senhora!
OLÍVIA · Senhor, a ordem foi para que vos levassem.
BOBO · Equívoco no mais alto grau. Minha senhora, *cucullus non facit monachum*, o que equivale a dizer que não trago no cérebro a minha jaqueta pintalgada.

Boa madona, permiti que eu vos demonstre que careceis de juízo.

OLÍVIA · Podereis fazê-lo?

BOBO · Com bastante habilidade, boa madona.

OLÍVIA · Pois vamos à prova.

BOBO · Para tanto, precisarei tomar-vos lição de catecismo; responder-me-eis ao que vos perguntar, minha excelente ratinha de virtudes.

OLÍVIA · Muito bem, senhor; em falta de outro divertimento, ouvirei vossa demonstração.

BOBO · Boa madona, por que estais triste?

OLÍVIA · Bom louco, por causa da morte de meu irmão.

BOBO · Suponho que sua alma está no inferno, madona.

OLÍVIA · Sei que sua alma está no céu, bobo.

BOBO · Então sois dobradamente louca, madona, por chorardes pela alma do irmão que está no céu. Cavalheiros, levai daqui esta louca.

OLÍVIA · Que pensais deste louco, Malvólio? Não se corrigirá nunca?

MALVÓLIO · Sim, mas só quando os estertores da morte o sacudirem; a debilidade que abate os sábios, melhora os tontos.

BOBO · Deus vos envie logo a debilidade, senhor, para que a vossa falta de senso melhore mais depressa. Sir Tobias poderia jurar que eu não sou uma raposa, mas não apostaria dois pence em como não sois louco.

OLÍVIA · Que dizeis a isso, Malvólio?

MALVÓLIO · Admira-me que Vossa Excelência encontre prazer em um idiota tão sem sal. Há dias, vi derrotá-lo um bufão ordinário que não tem mais cérebro do que uma pedra. Vede como ele agora está corrido; quando não lhe falais nem lhe dais oportunidade, fica como que amordaçado. Para mim, as pessoas sensatas que cacarejam diante de bobos como este, não passam de palhaços dos próprios bobos.

OLÍVIA · Oh! tendes muito amor-próprio, Malvólio; provais as coisas com paladar estragado. As pessoas generosas, inocentes e bem-dispostas tomam como pelotadas contra passarinhos o que se vos afigura balas de canhão. Um bobo a quem se dá liberdade não prejudica a ninguém, por mais satírico que seja, da mesma forma que o homem discreto não nos ofende, embora não pare de censurar-nos.

BOBO · Que Mercúrio te proveja de mentiras, por falares tão bem dos bobos.

(Volta Maria.)

MARIA · Senhora, está aí à porta um cavalheiro moço que deseja muito falar-vos.

OLÍVIA · Da parte do Conde Orsino, não é verdade?

MARIA · Não sei dizer-vos, senhora; é um belo rapaz e se encontra bem acompanhado.

OLÍVIA · Quem dos meus lhe ficou fazendo sala?

MARIA · Sir Tobias, senhora; vosso parente.

OLÍVIA · Tirai-o de lá, por obséquio; só diz tolices. Que vergonha!

(Sai Maria.)

Ide, Malvólio; se vier da parte do conde, estou doente; ou não me encontro em casa... como quiserdes, para despedi-lo.

(Sai Malvólio.)

Bem vistes, senhor, como vossas loucuras se tornam velhas e desagradam a todo o mundo.

BOBO · Falastes a nosso favor, madona, como se o vosso primogênito fosse bobo. Que Júpiter lhe entupa de cérebro o crânio, pois aí vem vindo um teu parente de pia-máter muito fraca.

(Entra sir Tobias Belch.)

OLÍVIA · Por minha honra, meio bêbedo! Quem está à porta, primo?

SIR TOBIAS · Um cavalheiro.

OLÍVIA · Um cavalheiro? Que cavalheiro?

SIR TOBIAS · Um cavalheiro que está aí... Para o inferno com esses bufões! Então, meu tolo?

BOBO · Meu bom sir Tobias...

OLÍVIA · Primo, primo, como é que desde cedo vos encontrais em tão miserável estado?

SIR TOBIAS · Eu, miserável? Desafio! Estão batendo à porta.

BOBO · Sobre isso não há mais dúvida; mas quem é que está batendo?

SIR TOBIAS · Que seja o diabo, se ele quiser, que não me importo com isso. Acreditai-me é o que eu digo. Tanto se me dá.

(Sai.)

OLÍVIA · Bobo, com quem se parece um borracho?

BOBO · Com um afogado, um tonto ou um louco; o primeiro trago, para matar a sede, deixa-o tonto; o segundo o enlouquece e o terceiro o afoga.

OLÍVIA · Vai chamar o delegado para examinar meu primo, que já se encontra no terceiro estado da

bebedeira e em risco de afogar-se; não o percas de vista.

BOBO · Ele ainda não passou da fase da loucura, madona; o bobo vai tomar conta do louco.

(*Sai. Volta Malvólio.*)

MALVÓLIO · Senhora, o tal moço que está aí fora jura que há de falar-vos. Informei-lhe que vos encontráveis ausente; respondeu-me que já o sabia, e que por isso mesmo deseja falar-vos. Disse-lhe que estáveis dormindo, o de que ele também parece que já tinha conhecimento, pois veio para falar-vos por isso mesmo. Que quereis que lhe diga, senhora? Encontra-se à prova de todas as recusas.

OLÍVIA · Dize-lhe que não há de falar-me.

MALVÓLIO · Foi o que eu lhe disse; mas ele respondeu que ficará dia e noite diante de vosso quarto como uma guarita ou banco de espera, contanto que venha a falar-vos.

OLÍVIA · Que espécie de homem é ele?

MALVÓLIO · Ora, da espécie humana.

OLÍVIA · Que maneira de homem?

MALVÓLIO · Das piores possíveis; deseja falar-vos, quer o queirais, quer não.

OLÍVIA · Sua aparência quantos anos inculca?

MALVÓLIO · Não é bastante velho para homem, nem bastante jovem para adolescente, assim como vagem antes de conter ervilha, ou maçã não amadurecida de todo: flutua entre menino e homem, é muito bem apessoado e fala com desenvoltura. Parece, em suma, que acabou de ser desmamado.

OLÍVIA · Fazei-o entrar e chamai a empregada.

MALVÓLIO · A senhora está chamando!

(*Sai. Volta Maria.*)

OLÍVIA · Traze-me o véu! Depressa! Arranja-o bem; vou ouvir do Conde Orsino outra embaixada.

(*Entra Viola, acompanhada.*)

VIOLA · Quem é a muito distinta dona da casa?

OLÍVIA · Falai comigo, que respondo por ela. Que desejais?

VIOLA · Radiante, esquisita e incomparável beleza! Peço-vos que me digais se sois a dona da casa, pois não a conheço e não desejo perder o meu discurso, porque, além de estar admiravelmente bem escrito, custou-me demais decorá-lo. Gentis beldades, poupai-me do ridículo, que sou muito sensível a qualquer acolhimento menos delicado.

OLÍVIA · De onde vindes, senhor?

VIOLA · Só posso dizer pouco mais do que estudei, e essa pergunta não consta do meu papel. Nobre senhora, dai-me a modesta certeza de que sois, realmente, a dona da casa, para que eu possa prosseguir no meu discurso.

OLÍVIA · Sois comediante?

VIOLA · Não, meu coração profundo; mas apesar disso, juro pelas garras da malícia que não sou o que represento. Sois a dona da casa?

OLÍVIA · Se não me usurpo a mim própria, sim.

VIOLA · É muito certo, porque se o fordes, usurpais a vós mesma, pois o que é vosso para ser concedido não o é para ficar em reserva. Isso, porém, escapa à minha missão. Vou prosseguir no vosso elogio, para mostrar-vos, depois, o núcleo próprio de minha mensagem.

OLÍVIA · Vamos ao principal; dispense o elogio.

VIOLA · Ah! Custou-me muito trabalho decorá-lo, e é poético.

OLÍVIA · Razão de sobra para ser fingido; podeis ficar com ele. Tive notícia de que vos portastes por maneira insolente em minha porta, e se vos fiz entrar, foi mais para admirar-vos do que vos ouvir. Se não fordes dotado de razão, sede breve; não me encontro em maré apropriada para sustentar um diálogo tão estouvado.

MARIA · Não quereis fazer-vos à vela, senhor? O caminho é este.

VIOLA · Não, querido grumete; vou ficar pairando por aqui mesmo mais algum tempo. Acalmai vosso gigante, gentil senhora.

OLÍVIA · Dizei logo o que pretendeis.

VIOLA · Encontro-me aqui na qualidade de mensageiro.

OLÍVIA · Decerto vos incumbiram de alguma mensagem horripilante, para fazerdes um preâmbulo tão medroso. Dizei logo a que viestes.

VIOLA · O que tenho a dizer se destina apenas a vossos ouvidos. Não sou portador de nenhuma declaração de guerra, nem de fixação de tributo; trago nas mãos o ramo de oliveira, e todas as minhas palavras só dizem respeito à paz.

OLÍVIA · No entanto, principiastes com rudeza. Quem sois? Que pretendeis?

VIOLA · A rudeza de que dei mostras foi originada no modo por que fui recebido. O que sou e o que pretendo, são coisas tão secretas como a virgindade:

para vossos ouvidos, divinas; para os demais, profanação.

OLÍVIA · Deixai-nos sós; desejo ouvir essas coisas divinas.

(*Saem Maria e os criados.*)

E agora, senhor, qual é o vosso texto?

VIOLA · Dulcíssima senhora...

OLÍVIA · Doutrina reconfortante, não há dúvida, sobre que muito haveria que dizer. Onde se encontra o vosso texto?

VIOLA · No peito de Orsino.

OLÍVIA · No peito? Em que capítulo?

VIOLA · Para responder por ordem, no primeiro do coração.

OLÍVIA · Oh! Já o li; pura heresia. Não tendes mais nada a acrescentar?

VIOLA · Bondosa senhora, permiti que vos veja o rosto.

OLÍVIA · Tendes alguma comissão da parte de vosso amo para negociar com o meu rosto? Com isso, saís do texto; todavia, vamos correr a cortina e mostrar-vos a pintura. (*Levantando o véu.*) Vede, senhor; assim eu parecia neste momento. Não está bem-feita?

VIOLA · Admiravelmente, se tudo é obra de Deus.

OLÍVIA · Está em grão, senhor; resiste ao vento e à chuva.

VIOLA · Beleza bem fundida; a natureza soube com sua mão prudente e sábia mesclar o róseo e o branco. Senhorita, sois a mulher mais cruel, se à sepultura tencionais levar todas essas graças sem deixar cópia viva.

OLÍVIA · Oh, senhor! Não serei de coração tão duro; vou mandar tirar vários exemplares de minha beleza; será inventariada, recebendo no meu testamento cada partícula e artigo um rótulo adequado, como: item, dois lábios sofrivelmente róseos; item, dois olhos cinzentos com as respectivas pálpebras; item, um pescoço, um queixo, e assim por diante. Estais incumbido de avaliar-me?

VIOLA · Vejo o que sois; o orgulho vos domina; mas se sois o demônio, sois lindíssima.

Meu amo vos adora; um sentimento como esse, deve ser recompensado, ainda que vos achásseis coroada de beleza sem par.

OLÍVIA · Como ele me ama?

VIOLA · Com lágrimas devotas e gemidos que amor trovejam e ais de puro fogo.

OLÍVIA · Vosso amo sabe que eu não posso amá-lo. Sei, porém, que é virtuoso, sei que é nobre, rico, de mocidade pura e limpa, valente, livre, instruído e conceituado, e, quanto aos dotes naturais e ao porte, uma bela pessoa. Não obstante, não posso amá-lo. Há muito tempo que ele já poderia ter sabido disso.

VIOLA · Se com tanto fervor eu vos amasse, com sofrimento igual, vida assim triste, nesse vosso desdém não poderia achar sentido algum. Não conseguira compreendê-lo sequer.

OLÍVIA · E que faríeis?

VIOLA · Construía em vossa porta uma cabana de salgueiro e clamara por minha alma dentro de vossa casa; escreveria versos tristes de amor não retribuído, para com eles atroar a noite calma; gritar-vos-ia o nome nas colinas até que o mar murmurante repetisse:

Olívia! Não teríeis mais repouso nos elementos do ar nem nos da terra, sem que de mim piedade revelásseis.

OLÍVIA · Faríeis muito. Qual é a vossa origem?

VIOLA · Conquanto esteja bem, transcendo à minha fortuna: nasci nobre.

OLÍVIA · Voltai para vosso amo; é-me impossível amá-lo; e que ele mais ninguém envie, salvo, talvez, se viésseis novamente dizer como ele recebeu tudo isso.

Passai bem; agradeço-vos o empenho; gastai esta lembrança.

VIOLA · Não sou moço de recados, senhora; guardai vosso dinheiro. Não mereço recompensa; meu amo, sim. Que o Amor transforme em pedra o coração de quem a amar chegardes, e que, como meu amo, só desprezo possais achar. Adeus, linda crueldade.

(*Sai.*)

OLÍVIA · “Qual vossa origem?”

“Conquanto esteja bem, transcendo à minha fortuna; nasci nobre.” Ia jurá-lo.

A fala, os membros, a atitude, o rosto,

tua altivez, brasão de cinco folhas
te asseguram. Mas, calma! calma! Nada
de pressa. A menos que o amo fosse o criado.
Como? Pode o contágio vir tão rápido?
Sinto que as qualidades deste moço
se me infiltram nos olhos por maneira
sutil e inevitável. Bem, que seja.
Olá, Malvólio!

(Volta Malvólio.)

MALVÓLIO · Aqui, senhora, pronto
para servir-vos.

OLÍVIA · Sai no encalço desse
mensageiro atrevido, o homem do conde.

Deixou este anel aqui, a meu malgrado.
Dize-lhe que não quero saber dele
e também que ao senhor não dê esperanças
nem o adule. Não sou para ele. Caso
venha amanhã de novo esse mancebo,
dar-lhe-ei explicações. Corre, Malvólio.
MALVÓLIO · Pois não, senhora.

(Sai.)

OLÍVIA · Não sei o que fazer; tenho receio
que um grande amor me invada o olhar e o seio.
Ao céu me entrego; eu própria nada posso;
o que o Fado decreta há de ser nosso.

(Sai.)

Ato II · Cena I

Beira-mar.

Entram Antônio e Sebastião.

ANTÔNIO · Não quereis demorar mais algum tempo,
nem que eu vos acompanhe?

SEBASTIÃO · Não, por vossa paciência; minha estrela
derrama sobre mim um brilho baço; receio que a
malignidade do meu destino vos prejudique; por
isso, consenti que eu suporte sozinho as minhas
desgraças; seria recompensar mal vossa amizade
sobrecarregar-vos com algumas delas.

ANTÔNIO · Dizei-me, ao menos, para onde pretendeis ir.

SEBASTIÃO · Não, senhor, com vossa licença.

A viagem que empreendi realizar não passa de
extravagância; mas o excelente traço de modéstia
que descubro em vós, não vos levará a arrancar-me
um segredo que eu tencionasse guardar. Por isso
mesmo, sinto-me obrigado a revelar-vos-lo. Ficai,
pois, sabendo, Antônio, que eu não me chamo
Rodrigo, mas Sebastião. Meu pai foi o Sebastião
de Messalina, de quem sei que já ouvistes falar. Ao
morrer, deixou dois filhos, eu e uma irmã, nascidos
com uma hora de diferença. Se tivesse sido do
agrado dos céus, teríamos morrido juntos; mas vós,
senhor, modificastes tudo, porque algumas horas
antes de me haverdes arrancado da goela do mar, já a
minha irmã havia perecido.

ANTÔNIO · Que infelicidade!

SEBASTIÃO · Era uma mulher, senhor, que passava
por ser extremamente bela, embora toda gente
dissesse que se parecia comigo; e, conquanto eu não
possa dar crédito a juízo tão exagerado, não vacilo
em afirmar que era de alma em que a própria Inveja
reconheceria beleza. Morreu afogada, senhor, em
água salgada, parecendo-me que eu afogo de novo a
sua lembrança em lágrimas ainda mais salgadas.

ANTÔNIO · Desculpai, senhor, o tratamento que vos dei.

SEBASTIÃO · Oh meu bom Antônio! Sou eu que vos
peço desculpas pelo incômodo que vos causei.

ANTÔNIO · Se não quereis matar-me por causa de
minha afeição, consenti que me torne vosso criado.

SEBASTIÃO · Se não quereis desfazer o que fizestes,
matando a quem destes a vida, desisti desse
propósito. Adeus, de uma vez por todas. Sinto
o coração transbordar de ternura, e de tal modo
participo das qualidades de minha mãe, que se me
derdes mais algum pretexto, os olhos revelarão quem
eu sou. Sigo para a corte do Conde Orsino. Adeus.

(Sai.)

ANTÔNIO · Que os deuses benfeitores te acompanhem.
Possuo nessa corte numerosos
inimigos; se não, fora certeza
ir procurar-te lá. Mas, pouco importa;
de tal modo te adoro, que o perigo
será simples desporto: irei contigo.

(Sai.)

Ato II · Cena II

Uma rua.

Entra Viola. Malvólio vem-lhe no encalço.

MALVÓLIO · Não estivestes há pouco em casa da Condessa Olívia?

VIOLA · Faz pouco tempo, senhor; cheguei até aqui com passo moderado.

MALVÓLIO · Ela mandou devolver-vos este anel, senhor. Poderíeis ter-me poupado o trabalho, se o tivésseis trazido. Acrescenta, ainda, que deveis, por todos os modos, convencer vosso amo de que ela não quer saber dele. Outra coisa: que não deveis ter mais a petulância de voltar para falar-lhe sobre assuntos de vosso amo, a menos que seja para dizer-lhe como ele recebeu a resposta que ela lhe mandou. Eis aqui o anel.

VIOLA · Ela o recebeu de minha mão; não ficarei com ele.

MALVÓLIO · Vamos, senhor; fostes vós que lho atirastes insolentemente ao colo. Daí ter ela dito que eu vo-lo devolvesse do mesmo modo. Se virdes que recompensa o trabalho de abaixar-vos, ei-lo à vista; caso contrário, que seja de quem o levantar do chão.

(Sai.)

VIOLA · Não lhe dei esse anel. Que quer a dama? Não permita a Fortuna que ela esteja de mim enamorada. Olhou-me bem;

sim, de tal modo, que me parecia que os olhos a linguagem lhe roubavam, pois me falava abstrata e em sobressaltos. Ama-me, certo; a astúcia da paixão é que por este mensageiro rústico me vem ora incitar. O anel recusa do meu senhor. Mas se ele não deu nada! Sou eu o homem. Se assim é, nem pode ser de outro modo, pobre dama! fora melhor apaixonar-se de uma sombra. Bem se vê que és, disfarce, algo maldoso, de que o inimigo mau tira proveito. Com que facilidade os impostores imprimem suas formas insinuantes no coração de cera das mulheres! Quem tem culpa? Nós? Não, nossa fraqueza. Tal como somos feitos, isso somos. Não pode haver saída: Orsino a adora; eu — pobre monstro! — penso apenas nele; e ela, enganada, me ama sobre tudo. Como isto acabará? A situação de homem não me permite amar meu amo; sendo mulher — coitada! — como à pobre da Olívia hei de arrancar tristes suspiros! Oh tempo! vem desenredar tudo isto; tão complicado nó jamais se há visto.

(Sai.)

Ato II · Cena III

Um quarto em casa de Olívia. Entram sir Tobias Belch e sir André Aguecheek.

SIR TOBIAS · Aproxima-te, sir André; não estar na cama depois da meia-noite, é levantar-se cedo; e *diluculo surgere*, bem o sabes.

SIR ANDRÉ · Não, por minha fé; o que eu sei é que levantar tarde é levantar tarde.

SIR TOBIAS · Essa conclusão é falsa; odeio-a como a uma caneca vazia. Estar de pé depois da meia-noite e ir para a cama, é madrugar; desse modo, ir para a cama depois da meia-noite é deitar cedo. Não consiste nossa vida nos quatro elementos?

SIR ANDRÉ · É o que dizem; mas a meu ver, o em que ela consiste é em comer e beber.

SIR TOBIAS · És um sábio; logo, comamos e bebamos. Olá, Mariana, um cântaro de vinho!

(Entra o bobo.)

SIR ANDRÉ · Com mil demônios, aí vem o louco.

BOBO · Olá, meus corações! Nunca vistes o retrato de nós três?

SIR TOBIAS · Sede bem-vindo, asno; canta-nos uma modinha.

SIR ANDRÉ · Por minha fé, o bobo tem magníficos pulmões; daria quarenta xelins para ter suas pernas e voz tão agradável como a dele. Não há dúvida, na

última noite tu te encontravas nos teus melhores momentos, ao falar de Pigrogromitus e dos Vapianos que passam a linha equinocial de Queubus. Estavas admirável, não há que ver. Mandei-te seis pence para tua namorada; não os recebeste?

BOBO · Embolsei a tua gratificação, porque o nariz de Malvólio não é cabo de chicote; minha ama tem mãos brancas e os Mirmídones não são cervejaria.

SIR ANDRÉ · Excelente. Em conjunto, não pode haver bufonaria melhor. Mas agora, uma canção.

SIR TOBIAS · Vamos; toma lá seis pence; que venha essa cantiga.

SIR ANDRÉ · Toma também a minha parte; se um cavaleiro dá um...

BOBO · Preferis uma canção de amor, ou assunto sério?

SIR TOBIAS · Uma canção de amor! Uma canção de amor!

SIR ANDRÉ · Sim, sim; não me interessam assuntos sérios.

BOBO (*canta*) ·

Por onde andas errando, amada minha?

Pára e escuta esta lânguida modinha

que em teu louvor eu fiz.

Não prossigas, que todos os caminhos

vão dar no amor, em beijos e carinhos;

o mundo inteiro o diz.

SIR ANDRÉ · Excelente, não há dúvida.

SIR TOBIAS · Muito bem, muito bem.

BOBO (*canta*) ·

seja o que for o amor, nunca é o porvir;

a alegria de agora é que faz rir,

não existe o amanhã.

Na expectativa nunca se acha nada;

por isso vem beijar-me, oh doce amada,

enquanto estás louçã.

SIR ANDRÉ · Uma voz melíflua, tão certo como eu ser cavaleiro.

SIR TOBIAS · Hálito contagioso.

SIR ANDRÉ · Agradável e contagioso, não há dúvida.

SIR TOBIAS · Sim, ouvi-lo pelo nariz, é de agradável

contágio. E se dançássemos agora a dança do céu? Se

despertássemos a coruja com um estribilho capaz de

abalar as três almas de um tecelão? Concordais com

isso?

SIR ANDRÉ · Se me estimais, façamo-lo; para

estribilhos eu sou que nem cão a uivar.

BOBO · Pela Virgem, senhor; há cães que cantam bem.

SIR ANDRÉ · Não há dúvida. Cantemos “Tu, velhaco”.

BOBO · “Ficas quieto, velhaco?” É isso, cavalheiro?

Se for esse, serei obrigado a chamar-vos de velhaco.

SIR ANDRÉ · Não seria a primeira vez que obrigava

alguém a chamar-me desse modo. Começa, bobo;

principia assim: “Fica quieto!”

BOBO · Se eu ficar quieto, não poderei começar.

SIR ANDRÉ · Bem dito, realmente. Vamos, começa.

(*Cantam um estribilho. Entra Maria.*)

MARIA · Que inferneira de gatos é essa? Não quero

mais ter palavra, se a senhora não despertou o

intendente Malvólio para tocar-vos porta fora.

SIR TOBIAS · A senhora é uma Cataia; nós, políticos;

Malvólio, um Peg-a-Ramsey...

Três compadres alegres somos nós...

Não sou eu consangüíneo? Não somos do mesmo
[sangue?]

Por isso, senhorita,

Morava em Babilônia um cavaleiro,

Tra-la-lá...

BOBO · O diabo me leve, mas o cavaleiro é um

pândego de marca.

SIR ANDRÉ · É de primeira, quando está bem-

disposto, justamente como eu; diz as coisas com

mais graça; eu, com mais naturalidade.

SIR TOBIAS (*canta*) ·

Oh! no dozeno dia após Natal!

MARIA · Parem com isso, pelo amor de Deus!

(*Entra Malvólio.*)

MALVÓLIO · Sois loucos, senhores, ou o que sois?

Careceis de espírito, de maneiras, de honestidade,

para gritardes desse modo, como caldeireiros, no

meio da noite? Quereis transformar a casa de minha

senhora em cervejaria, para guinchardes sem tento

nem pudor esses refrões de alfaiate? Não respeitais

nem o lugar, nem as pessoas, nem o tempo?

SIR TOBIAS · Observamos o tempo, senhor, em

nossos estribilhos. Ide enforcar-vos!

MALVÓLIO · Sir Tobias, vou ser franco convosco:

a minha senhora me incumbiu de dizer-vos que,

embora ela vos dê guarida como parente, não pactua

com vossas desordens. Se puderdes separar-vos de

vosso comportamento indigno, sereis bem-vindo

a sua casa; do contrário, vos daria adeus de muito

boamente, no caso de vos despedirdes.

SIR TOBIAS (*canta*) ·

Adeus, querida amiga, vou-me embora!

MARIA · Não, meu bom sir Tobias.

BOBO (*canta*) ·

O fim próximo os olhos lhe anunciam.

MALVÓLIO · Será possível?

SIR TOBIAS (*canta*) ·

Mas nunca hei de morrer!

BOBO (*canta*) ·

Mentis! Não posso crer.

MALVÓLIO · Isso vos é muito honroso.

SIR TOBIAS (*canta*) ·

Mandá-lo-ei logo embora?

BOBO (*canta*) ·

Nada receio agora.

SIR TOBIAS (*canta*) ·

Mandá-lo-ei logo embora, sem menagem?

BOBO (*canta*) ·

Oh, não! oh, não! pois falta-vos coragem.

SIR TOBIAS · E agora, saindo do compasso: mentis, senhor! És alguma coisa mais do que intendente?

Imaginas que por seres virtuoso acabaram-se os bolos e a cerveja?

BOBO · Por Sant'Ana, a gengibre continuará a queimar-nos a boca.

SIR TOBIAS · Tens razão. Senhor, ide limpar a vossa cadeia com miolo de pão. Maria, uma caneca de vinho!

MALVÓLIO · Senhorita Mary, se tendes a estima de minha senhora em maior conta do que o seu desprezo, não deveis incentivar semelhante despropósito. Por esta mão, a senhora vai ficar sabendo de tudo isto.

(*Sai.*)

MARIA · Ide sacudir as orelhas.

SIR ANDRÉ · Fora ação tão meritória como beber, quando se tem fome, desafiar este sujeito para duelo e depois não comparecer e deixá-lo com cara de tacho.

SIR TOBIAS · Isso mesmo, cavaleiro; vou escrever por ti o desafio, ou, se preferes, transmitirei verbalmente a tua indignação.

MARIA · Meu caro sir Tobias, tende paciência por esta noite. Desde que o mensageiro do conde esteve com minha ama, ela ficou bastante preocupada. Quanto a monsieur Malvólio, deixai-o ao meu cuidado; se eu não o meter a ridículo, de jeito que se torne proverbial e objeto da risota de todos, podeis acreditar que sou destituída de espírito até mesmo

para deitar-me direito na cama. Sei o que estou dizendo.

SIR TOBIAS · Revelai-nos isso, revelai-nos isso; contai-nos alguma coisa a respeito dele.

MARIA · Pois ficai sabendo que por vezes ele é uma espécie de puritano.

SIR ANDRÉ · Oh! se o tivesse sabido antes, lhe teria batido como num cão.

SIR TOBIAS · Como! Por ser puritano? Qual é a vossa razão esquisita, cavaleiro?

SIR ANDRÉ · Não tenho nenhuma razão esquisita, mas tenho uma suficiente.

MARIA · É um diabo de puritano, ou algo assim como um desmancha-prazeres, um asno cheio de afetação, que decorou umas tiradas e as expel aos pedaços; que tem opinião muito elevada de si próprio, tão cheio — segundo crê — de belas qualidades, que tem como dogma que todas as pessoas se apaixonam dele à primeira vista. É nesse ponto que a minha vingança vai operar.

SIR TOBIAS · Que pretendeis fazer?

MARIA · Deixarei cair em seu caminho algumas epístolas obscuras de amor, nas quais ele há de encontrar-se fielmente retratado, quanto à cor da barba, feitio das pernas, modo de andar, expressão dos olhos, a frente e a fisionomia. Tenho a letra de tal modo igual à de minha patroa, vossa sobrinha, que em se tratando de escritos sobre assuntos esquecidos, dificilmente se poderá saber qual de nós duas foi a autora.

SIR TOBIAS · Excelente! Já estou sentindo o cheiro da pilhéria.

SIR ANDRÉ · Já me chegou, também, ao nariz.

SIR TOBIAS · Pelas cartas que lhe jogardes no caminho, ele há de pensar que provêm de minha sobrinha e que ela se enamorou dele.

MARIA · Sim, o meu projeto é um cavalo dessa cor.

SIR ANDRÉ · Cavalo que vai fazer dele um asno.

MARIA · Um asno, realmente.

SIR ANDRÉ · Oh! Será admirável.

MARIA · Um divertimento real, posso assegurar-vos; tenho certeza de que a minha medicina vai dar resultado. Hei de colocar-vos, juntamente com o bobo, nos pontos em que ele tiver de encontrar as tais cartas, para observardes o que ele fizer. Por esta noite, vamos para a cama, sonhar com a brincadeira. Adeus.

(*Sai.*)

SIR TOBIAS · Boa noite, Pentésiléia.

SIR ANDRÉ · Palavra de honra, é uma excelente rapariga.

SIR TOBIAS · É uma galga de raça, que tem adoração por mim. Que dizes a isso?

SIR ANDRÉ · Eu também já encontrei quem me adorasse.

SIR TOBIAS · Vamos nos deitar. O que é preciso é que mandes buscar dinheiro.

SIR ANDRÉ · Se eu não obtiver a mão de vossa sobrinha, ficarei em situação difícil.

SIR TOBIAS · Manda buscar dinheiro, cavaleiro; se não conseguires o intento, podes chamar-me de capão.

SIR ANDRÉ · Se eu não mandar buscar dinheiro, nunca mais confieis em mim e fezei de mim o que quiserdes.

SIR TOBIAS · Vamos, vamos; vou queimar algum xerez; já é tarde demais para nos deitarmos. Vamos, cavaleiro; vamos, cavaleiro.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

Um quarto no palácio do duque.

Entram o duque, Viola, Cúrio e outros.

DUQUE · Toquem música! E então? Bom dia, amigos.

Agora, bom Cesário, aquele canto tão-somente, a balada antiga e velha que ouvimos esta noite. Pareceu-me que me aliviava mais do que essas árias ligeiras, com motivos repetidos, de compasso tão vivo e saltitante.

Vamos, um verso apenas.

CÚRIO · Queira desculpar Vossa Senhoria, mas não está presente quem deveria cantar.

DUQUE · Quem era?

CÚRIO · Feste, o jogral, milorde; o bobo que fazia as delícias do pai de lady Olívia; deve estar aqui mesmo pela casa.

DUQUE · Procurai-o; e enquanto isso, toquem música.

(*Sai Cúrio. Música.*)

Aproxima-te, jovem. Se chegares a amar, no teu sofrer doce e pungente recorda-te de mim, que os namorados sinceros são como eu neste momento: inconstantes em tudo e caprichosos, salvo na fiel imagem da criatura muito amada. Que tal achas a música?

VIOLA · Encontra eco na sede em que o seu trono fez assentar o amor.

DUQUE · És magistral.

Aposto a vida: moço embora sejas, já pousaram teus olhos em figura que te agradasse. Não é verdade, jovem?

VIOLA · Sim, um pouco, com vossa permissão.

DUQUE · Como era essa mulher?

VIOLA · De vossa cor.

DUQUE · Então não te convém. E qual a idade?

VIOLA · Mais ou menos a vossa, meu bom lorde.

DUQUE · Pelo céu, muito velha! A mulher deve sempre escolher marido mais idoso do que ela; desse modo se combinam melhor e ela conserva o predomínio no coração do esposo. Porque embora, jovem, nos elogiemos a nós mesmos, nossas inclinações são menos firmes, mais variáveis, veementes e propensas a se aplacarem do que as das mulheres.

VIOLA · É o que eu penso, milorde.

DUQUE · Que tua amada seja mais moça do que tu, portanto, ou terás afeição por pouco tempo.

As mulheres são rosas: infável é a floração; a ruína, inevitável.

VIOLA · Assim são, com efeito. Que tristeza! Morrerem quando no auge da beleza!

(*Volta Cúrio com o bobo.*)

DUQUE · Oh companheiro! Vamos, a cantiga da última noite. Escuta-a bem, Cesário; é antiga e muito simples. As mulheres, quando fiam ao sol ou fazem meia, e as jovens ainda livres, quando tecem soem cantá-la. É ingênua e versa sobre a inocência do amor nos belos tempos.

BOBO · Estais pronto, senhor?

DUQUE · Sim; canta, por obséquio.

BOBO (*canta*):

Vem logo, Morte, enterrar-me

sob uma árvore chorosa.
 Foge, alento, vai matar-me
 a amada cruel e formosa.
 Meu sudário, de cipreste
 deve ser feito.
 Jamais, oh Morte! tiveste
 tão grato preto.
 Não quero que espalhem flores
 sobre o meu negro ataúde;
 ninguém venha chorar dores,
 amigo algum me saúde.
 Para poupar ais e gritos
 ide enterrar-me
 onde os amantes aflitos
 não vão chorar-me.

DUQUE · Toma, pelo teu trabalho.

BOBO · Não me deu trabalho, senhor; encontro
 prazer no canto, senhor.

DUQUE · Nesse caso, pago-te o prazer.

BOBO · É muito certo, senhor; mais cedo ou mais
 tarde, a gente sempre vem a pagar o prazer.

DUQUE · Agora dá-me licença para dispensar-te.

BOBO · Que o deus melancólico te proteja e que o
 alfaiate te faça um gibão de tafetá mudável, porque
 tens o espírito de verdadeira opala. Quisera eu no
 mar indivíduos de tal constância, com negócios
 por toda parte e o intento em parte alguma; é
 o melhor jeito de viajar muito sem gastar nada.
 Adeus.

(*Sai.*)

DUQUE · Saiam também os outros.

(*Sai Cúrio e séquito.*)

Vai de novo, Cesário, à casa dessa
 soberana Crueldade e participa-lhe
 que o meu amor, mais nobre do que o mundo,
 não empresta valor à terra suja.

Dize-lhe que não dou mais importância
 aos dotes da Fortuna do que à própria
 Fortuna; o que minha alma traz cativa
 é esse milagre, a jóia soberana
 com que soube adorná-la a natureza.

VIOLA · E se ela não puder corresponder-vos?

DUQUE · Não concebo a resposta desse jeito.

VIOLA · Mas importa admiti-la. Suponhamos
 que uma jovem — possível é que exista —
 por vós padece o que tendes sofrido
 pela Condessa Olívia. Não podeis

amá-la, lhe dizeis. Essa resposta
 não deve ela aceitar?

DUQUE · Mulher alguma
 suportaria os golpes de tão forte
 paixão como os que o amor me descarrega
 no peito. Não existe coração
 de mulher desse porte e assim constante.
 Ah! seu amor não passa de apetite —
 é simples paladar, não sentimento —
 que se farta, repugna e se revolta;
 mas o meu, como o mar, é insaciável,
 e como ele, também, tudo digere.
 Não compares o amor que por mim possa
 sentir uma mulher, com o sentimento
 que a Olívia ora eu dedico.

VIOLA · Sim, mas sei...

DUQUE · Vamos; que sabes tu?

VIOLA · Até onde vai uma mulher, quando ama.
 Podeis crer-me: possuem tão sincero
 coração como nós; essa é a verdade.

Meu pai teve uma filha que a tal ponto
 amou a um homem, como eu vos amara,
 meu príncipe, se acaso eu mulher fosse.

DUQUE · E qual a sorte dela?

VIOLA · Muito simples,
 milorde; jamais disse o que sentia;
 deixou que o seu segredo lhe corresse,
 como o verme ao botão, as faces róseas;
 encerrou-se em seus próprios pensamentos,
 e com tristeza pálida e esverdeada
 ficou como a Paciência no moimento,
 sorrindo à dor. Não vos parece que isso
 fosse amor de verdade? Nós, os homens,
 falamos mais, juramos facilmente,
 mas fica sempre aquém do prometido
 nossa vontade: em votos, abundantes;
 no que respeita a amor, sempre inconstantes.
DUQUE · Veio ela a perecer dessa paixão?
VIOLA · Eu sou todas as filhas de meu pai,
 e todos os irmãos; e, apesar disso,
 nada sei. Vou agora a casa dela,
 milorde?
DUQUE · Justamente; esse é o problema.
 Depressa, entrega-lhe esta jóia e dize-lhe
 que minha natureza não suporta
 dilações, nem recusa o amor comporta.

(*Saem.*)

Ato II · Cena V

O jardim de Olívia.

Entram sir Tobias Belch, sir André Aguecheek e Fabiano.

SIR TOBIAS · Venha vindo, signior Fabiano.

FABIANO · Estou indo; se eu perder um escrúpulo dessa brincadeira, quero que me fervam em melancolia até eu morrer.

SIR TOBIAS · Não te alegraria ver coberto de ridículo a esse velhaco desprezível e mesquinho?

FABIANO · Exultaria com isso, homem; bem sabeis que ele me indispôs com a senhora por causa de uma luta de ursos.

SIR TOBIAS · Pois vamos ter outra vez urso para irritá-lo, até que tudo se lhe torne azul e preto; não é verdade, sir André?

SIR ANDRÉ · Se não conseguirmos o nosso intento, não merecemos a vida que vivemos.

SIR TOBIAS · Aí vem vindo a nossa diabinha.

(Entra Maria.)

Que há de novo, meu metal da Índia?

MARIA · Escondei-vos atrás do buxo; Malvólio está passeando e se dirige para cá; esteve mais de meia hora ali embaixo, ao sol, praticando cortesia com a própria sombra. Por amor da bulha, observai-o, pois estou certa de que a carta vai convertê-lo num idiota contemplativo. Escondei-vos, em nome da nossa brincadeira! Fica aí — *(atira ao chão uma carta)* — pois já vem perto a truta que vai ser apanhada por meio de cócegas.

(Sai. Entra Malvólio.)

MALVÓLIO · É apenas sorte; tudo é sorte. Certa vez Maria me contou que ela gostava de mim, já tendo eu ouvido dela própria quase isso mesmo, que no caso de vir algum dia a apaixonar-se, seria de alguém do meu tipo. Por outra parte, me trata com muito mais consideração do que aos demais do seu serviço. Que pensar disso tudo?

SIR TOBIAS · Eis aí um velhaco supraconvencido.

FABIANO · Silêncio! De tanto contemplar-se, converteu-se em peru. Como se pavoneia nas plumas enfunadas?

SIR ANDRÉ · Se eu pudesse dar-lhe uma tunda!

SIR TOBIAS · Silêncio, digo.

MALVÓLIO · Ser o Conde Malvólio!

SIR TOBIAS · Ah, miserável!

SIR ANDRÉ · Descarrega a pistola nele!

SIR TOBIAS · Quietos! Quietos!

MALVÓLIO · Há exemplos: a Senhora de Strachy casou-se com o oficial do guarda-roupa.

SIR ANDRÉ · Fiau, fiou, Jezebel!

FABIANO · Quietos! Atolou-se até o pescoço. Vede como a imaginação o deixou estufado.

MALVÓLIO · Depois de três meses de casado com ela, sentado no meu dossel...

SIR TOBIAS · Ah! não ter uma baladeira à mão, para jogar-lhe uma pedra no olho!

MALVÓLIO · ...chamando os meus servidores para perto de mim, em meu roupão de veludo com ramagens, depois de vir do divã em que deixara Olívia dormindo...

SIR TOBIAS · Fogo e salitre!

FABIANO · Silêncio! Silêncio!

MALVÓLIO · ...assumir um ar condigno, e depois de lançar à volta uma mirada severa, como a insinuar-lhes que conheço o meu lugar como eles deveriam conhecer o seu, perguntar pelo meu parente Tobias.

SIR TOBIAS · Ferrolhos e algemas!

FABIANO · Oh! Silêncio! Silêncio! Agora! Agora!

MALVÓLIO · Sete dos meus criados, com submissão expedita, saem à sua procura. Enquanto isso, ponho-me de sobrecenho carregado e talvez dê corda no relógio ou brinque com alguma jóia de valor. Tobias se aproxima e me faz uma reverência...

SIR TOBIAS · E há de continuar vivo semelhante biltre?

FABIANO · Silêncio, ainda que nos moam de pancada para falarmos!

MALVÓLIO · Estendo-lhe a mão deste jeito, atenuando o sorriso de intimidade com um olhar austero de censura.

SIR TOBIAS · E não te pespegará Tobias um bom murro no focinho?

MALVÓLIO · E digo-lhe: “Primo Tobias, uma vez que a sorte me atirou aos braços a vossa sobrinha, concedei-me a prerrogativa de dizer-vos...”

SIR TOBIAS · Quê?... Quê?

MALVÓLIO · ...“que deveis deixar o vício da bebida.”

SIR TOBIAS · Fora, tinhoso!

FABIANO · Um pouco mais de paciência, ou romperemos os nervos de nossa conspiração.

MALVÓLIO · “Além disso, malbaratais o tesouro de vosso tempo com um cavaleiro imbecil...”

SIR ANDRÉ · Posso assegurar-vos que ele se refere a mim.

MALVÓLIO · “...um tal sir André...”

SIR ANDRÉ · Já sabia que era eu, porque muita gente me trata de imbecil.

MALVÓLIO (*percebendo a carta*) · Mas que é isso que surge agora?

FABIANO · A galinhola vai se chegando para a armadilha.

SIR TOBIAS · Silêncio! Que o gênio do bom humor o leve a ler a carta em voz alta.

MALVÓLIO (*levantando a carta*) · Por minha vida! A letra é da senhora! Justamente os seus Cs, os seus Us e seus Ts; é deste jeito que ela faz o P maiúsculo. Não há dúvida nenhuma, a letra é dela.

SIR ANDRÉ · Seus Cs, seus Us, seus Ts... Por que isso, agora?

MALVÓLIO (*lê*) · “Ao amado desconhecido, esta carta e meus votos ardentes.” A frase é dela! Cera, com vossa permissão... Devagar! No lacre vê-se impressa a Lucrécia com que ela sela todas as cartas. É da senhora. Para quem será?

FABIANO · Preso pelo fígado e tudo o mais.

MALVÓLIO (*lê*) ·

Os deuses sabem
que eu amo. Quem?
Boca, não digas
nada a ninguém.

“Não digas nada a ninguém.” E depois? O ritmo é diferente...

“Não digas nada a ninguém.” E se fosses tu, Malvólio?

SIR TOBIAS · Vai te enforcar, texugo!

MALVÓLIO (*lê*) ·

Sei que posso mandar em quem adoro;
mas o silêncio,
qual faça de Lucrécia, o triste peito
me traspassa, sem nunca dessangrá-lo.
M.O.A.I. me mata, e eu a adorá-lo!

FABIANO · Um enigma de primeira!

SIR TOBIAS · Excelente rapariga, é só o que eu digo.

MALVÓLIO · “M.O.A.I. me mata, e eu a adorá-lo.” Sim, é isso; mas primeiro vejamos, vejamos, vejamos.

FABIANO · Que prato de veneno ela lhe preparou!

SIR TOBIAS · E que bote o falcão dá para apanhá-lo!

MALVÓLIO · “Sei que posso mandar em quem adoro”. É certo; ela pode mandar em mim; estou

a seu serviço, ela é minha ama; isso é evidente para qualquer inteligência ordinária; não há nisso nenhuma dificuldade. E o fecho? Que quererá dizer essa série de letras? Se me fosse possível descobrir alguma relação com a minha pessoa! Devagar! M.O.A.I...

SIR TOBIAS · Vê lá se adivinhas! O homem já encontrou a pista.

FABIANO · O cão vai acuar a presa, embora ela cheire a raposinho.

MALVÓLIO · M, Malvólio; M, é claro; é a letra inicial do meu nome.

FABIANO · Não disse que ele se arranjará? O sabujo é de primeira para entrar em pista falsa.

MALVÓLIO · M... Mas não há consonância com o que vem depois; o exame desfaz a coisa; em vez de A, segue-se O.

FABIANO · Como eu espero que tudo termine em Oh!

SIR TOBIAS · É isso; dar-lhe-ei uma coça, até que ele grite Oh!

MALVÓLIO · A seguir, vejo um I.

FABIANO · Se tivesses olhos nas costas, verias mais infelicidades no calcanhar do que venturas pela frente.

MALVÓLIO · M.O.A.I. Este disfarce não combina com o princípio; mas com um pequeno jeito seria fácil relacioná-lo comigo, por incluir o meu nome todas essas letras. Mas que vejo? Segue-se agora prosa.

“Se isto te chegar às mãos, reflète. Minha estrela me coloca em plano superior ao teu; mas não receies a grandeza; uns nascem grandes, outros adquirem a grandeza, e a outros a grandeza vem de encontro.

Teu Destino te estende as mãos; segura-as com alma e corpo; e para que te acostumes com o que tens de vir a ser, despoja-te de teu invólucro humilde e apresenta-te com aparência renovada. Sê hostil com certo parente e rezingueiro com os criados; que de teus lábios ressoem apenas argumentos de Estado; assume ares originais, é o que te aconselha quem suspira por ti. Lembra-te de quem elogiou as tuas meias amarelas e que desejava ver-te com ligas cruzadas. Repito: lembra-te! Avante, pois! Se o quiseres, obterás tudo. Caso contrário, continuarei a ver em ti apenas o intendente, pessoa do mesmo nível dos criados e indigna de tocar nos dedos da Fortuna. Adeus. A que desejara permutar serviços contigo.

A feliz infornada.”

A luz do dia e a planície não desvendam mais coisas. É mais do que claro. Vou tornar-me ativo, ler livros de autores que tratem de política; vou preparar a cama de Tobias, limpar-me das companhias grosseiras; o modelo dos homens nas menores coisas. Não sou nenhum tonto para estar a iludir-me; todos os indícios convergem para uma única conclusão: a minha ama me tem amor. Não faz muito, deu-me parabéns por eu estar de meias amarelas; elogiou-me, também, as ligas cruzadas, que me caem bem nas pernas. Era uma forma de revelar-se ao meu amor, uma espécie de injunção para que eu me vestisse a seu gosto. Sou agradecido à minha estrela; eis-me feliz! Vou assumir gestos extravagantes, tornar-me ativo, usar meias amarelas e ligas cruzadas, e isso dentro do menor prazo possível. Jove e minha estrela sejam louvados! Ainda há um pós-escrito:

“É impossível que não adivinhes quem sou eu. Se corresponderes ao meu amor, que o teu sorriso o revele, esse sorriso que te vai tão bem! Por isso, queridinho, não deixes de sorrir, sempre que estiveres perto de mim, é só o que eu te peço.”

Agradeço-te, Jove! Hei de sorrir, sim; farei tudo o que desejas.

(*Sai.*)

FABIANO · Não cederia minha parte nesta brincadeira por uma pensão de mil libras do Sofi.
SIR TOBIAS · Era capaz de casar com a rapariga, só

por causa desta idéia.

SIR ANDRÉ · Eu também.

SIR TOBIAS · E como dote só pediria outra brincadeira igual.

SIR ANDRÉ · Eu também.

FABIANO · Aí vem a nossa distinta embromadora.

(*Volta Maria.*)

SIR TOBIAS · Não queres assentar o pé no meu pescocoço?

SIR ANDRÉ · Ou no meu?

SIR TOBIAS · Deverei jogar contigo no *tray-trip* a minha liberdade, para ficar sendo teu escravo?

SIR ANDRÉ · Queres que eu faça a mesma coisa?

SIR TOBIAS · Fizeste-o sonhar de tal maneira, que quando a imaginação se desmanchar, ele acabará louco.

MARIA · Dizei-me a verdade: produziu o efeito que esperávamos?

SIR TOBIAS · Como aguardente nas parteiras.

MARIA · Pois se quiserdes ver os frutos da brincadeira, observai-o a primeira vez que ele vier ter com a senhora. Há de apresentar-se com meias amarelas, que é cor que ela detesta, e com ligas cruzadas, coisa que ela não suporta; há de dirigir-lhe sorrisos, o que não condiz com a disposição de espírito em que ela se encontra, propensa à melancolia, e que há de ensinar-lhe somente desprezo. Se quiserdes vê-lo, acompanhai-me.

SIR TOBIAS · Contigo irei até as portas do Tártaro, oh meu excelente demônio espirituoso!

SIR ANDRÉ · Eu também.

Ato III · Cena I

O jardim de Olívia.

Entram Viola e o bobo, com um tambor.

VIOLA · Deus te proteja, a ti e à tua música. Vives desse tambor?

BOBO · Não, senhor, o que me sustenta é a igreja.

VIOLA · És eclesiástico?

BOBO · Isso não, senhor; vivo amparado pela igreja, porque vivo em minha casa, que está ao pé da igreja.

VIOLA · Desse jeito, poderias dizer que um mendigo que morasse junto do Rei o sustenta, ou que é a igreja que sustenta o teu tambor, se este vier a ficar encostado nela.

BOBO · Muito bem dito, senhor! Que tempo o nosso! Para um engenho agudo, uma frase não passa de luva de pele de cabrito; com que facilidade podemos deixá-la do avesso!

VIOLA · É certo; os que sabem jogar com as palavras, facilmente as corrompem.

BOBO · Por isso, desejara que não houvessem posto nome em minha irmã.

VIOLA · Por que causa, amigo?

BOBO · Ora, senhor; tendo ela por nome uma palavra, o fato de jogarem com esta, poderá corromper minha irmã. O que é certo é que as

palavras ficaram despudoradas desde que as letras as desonraram.

VIOLA · Tua razão, amigo?

BOBO · Uma vez, senhor, que não posso apresentar-vos nenhuma razão sem me valer de palavras, e que estas se tornaram falsas, repugna-me raciocinar com elas.

VIOLA · Aposto que és um desses tipos alegres, que não se preocupam com coisa alguma.

BOBO · Não é assim, senhor; há alguma coisa com que me preocupo; mas, em sã consciência, senhor, não me preocupo convosco; se isso equivaler a coisa nenhuma, senhor, desejo que vos torneis invisível.

VIOLA · Não és o bobo da Senhora Olívia?

BOBO · De forma alguma, senhor; a Senhora Olívia não faz loucuras; não sustentará nenhum bobo, enquanto não se casar. Os bobos estão para os maridos assim como as sardinhas para os arenques, com a diferença de que os maridos são maiores. Não sou, de fato, seu bobo, mas apenas seu corruptor de palavras.

VIOLA · Não faz muito tempo que eu te vi em casa do Conde Orsino.

BOBO · A loucura, senhor, como o sol, dá voltas em torno do orbe. Pesar-me-ia muito, senhor, que o bobo não fosse tão assíduo com vosso amo como com minha ama. Parece-me que foi lá mesmo que eu vi Vossa Sabedoria.

VIOLA · Se pretendes zombar de mim, retiro-me. Toma lá estes seis pence.

(Dá-lhe uma moeda.)

BOBO · Que na próxima distribuição de cabelos Júpiter te proveja de barba.

VIOLA · Por minha fé, vou ser-te franco: é certo que eu me fino por uma barba, conquanto não deseje que me cresça no queixo. A senhora está em casa?

BOBO *(mostrando a moeda)* · Um par destas não poderia multiplicar?

VIOLA · Sim, no caso de ficarem juntas, ou de serem bem aplicadas.

BOBO · Seria capaz de representar o papel de Lorde Pândaro da Frígia, senhor, só para arranjar uma Cressida para este Tróilo.

VIOLA · Compreendo o que quereis dizer; mendigais com habilidade.

BOBO · No meu modo de ver, senhor, não é lá grande coisa mendigar para uma mendiga; Cressida era

mendiga. Minha ama está aí dentro, senhor; vou comunicar-lhe de onde vindes; quanto ao que sois ou o que desejas, é coisa que escapa à minha esfera. Poderia ter dito: ao meu elemento, mas a expressão já está muito sovada.

(Sai.)

VIOLA · Este tipo é bastante inteligente para o papel de bobo; que é impossível representá-lo bem sem muito engenho.

É preciso observar as circunstâncias, o humor de suas vítimas, o tempo, e, tal como o falcão arisco, a todas as penas atirar-se que lhe passem pela frente dos olhos. É um ofício tão difícil como a arte do filósofo. Se cordata a loucura, é de proveito; tornado, louco o sábio, está desfeito.

(Entram sir Tobias Belch e sir André Aguecheek.)

SIR TOBIAS · Deus vos guarde, cavaleiro.

VIOLA · E a vós, também, senhor.

SIR ANDRÉ · *Dieu vous garde, monsieur.*

VIOLA · *Et vous aussi, votre serviteur.*

SIR ANDRÉ · Espero que o sejais, como eu sou o vosso.

SIR TOBIAS · Quereis entrar? É o que deseja a minha sobrinha, no caso de trazerdes alguma incumbência que lhe diga respeito.

VIOLA · Sim, vim por causa de vossa sobrinha, senhor; quero dizer: ela é o objetivo de minha viagem.

SIR TOBIAS · Experimentai as pernas, senhor: ponde-as em movimento.

VIOLA · As minhas pernas me entendem melhor, senhor, do que eu a vós, quando me dizeis que as experimente.

SIR TOBIAS · O que pretendo dizer com isso, senhor, é que deveis andar e entrar.

VIOLA · Minha resposta consistirá nisso mesmo. Mas eis que nos antecipam.

(Entram Olívia e Maria.)

Excelente e incomparável senhora, o céu chova odores sobre vós!

SIR ANDRÉ · Este moço é um cortesão de mão cheia. “Chover odores!” Magnífico.

VIOLA · Minha comissão, senhora, só tem voz para os vossos ouvidos propícios e condescendentes.

SIR ANDRÉ · “Odores”, “propícios”, “condescendentes”... Vou tomar nota de todos três.

OLÍVIA · Fechai a porta do jardim e deixai-me em audiência.

(*Saem sir Tobias, sir André e Maria.*)

VIOLA · Minhas homenagens, senhora, e o meu humilde préstimo.

OLÍVIA · Como vos chamais?

VIOLA · Cesário é o nome do vosso criado, linda princesa.

OLÍVIA · Meu criado, senhor? Desde que a cortesance servil se tornou cumprimento, o mundo não conheceu mais alegria. Sois servidor do Conde Orsino, jovem.

VIOLA · O conde é vosso criado; o criado dele, vosso há de ser também, minha senhora.

OLÍVIA · Não me preocupo com ele; mas quisera que sua memória nada contivesse, a ter de ser eu o objetivo de seus sonhos.

VIOLA · Vim despertar, senhora, a favor dele os vossos pensamentos.

OLÍVIA · Por obséquio!

Já vos proibi de me falardes nele.

Mas se tendes, acaso, outra incumbência, ser-me-á mais grato ouvir-vos do que à música das esferas.

VIOLA · Digníssima senhora...

OLÍVIA · Por favor, um momento! Depois do último feitiço que causastes aqui em casa,

mandei-vos um anel, o que de certa maneira constitui abuso contra minha pessoa, o criado e vós, receio.

Agora estou à mercê de vosso juízo temerário, por ter lançado mão de um recurso mesquinho, procurando forçar-vos a aceitar o que sabéis

que não vos pertencia. Que pensastes?

Não pusestes minha honra estraçalhada no pelourinho, contra ela açulando quantas suposições desaçaimadas um peito cruel abriga? Quem compreende como vós, já dispõe do suficiente.

Não oculto no peito o meu sofrido coração; mal o encobre um fino crepe.

Podeis falar agora.

VIOLA · Eu vos lastimo.

OLÍVIA · Começo é já de amor.

VIOLA · De forma alguma;

prova a experiência que por vezes temos piedade do inimigo.

OLÍVIA · Então é tempo de sorrir de novo.

Oh mundo! Como são tão facilmente desdenhosos os pobres! Se é forçoso servir de presa, fora preferível ante o leão cair do que ante o lobo.

(*O relógio dá boras.*)

O relógio me exprobra o tempo gasto.

Nada receeis, mancebo; não vos quero.

Contudo, quando o engenho e a mocidade madurarem, é certo que há de a vossa consorte recolher um belo esposo.

Vosso caminho é em direção do ocaso.

VIOLA · Que seja: rumo ao ocaso!

Graça e disposição vos acompanhem.

E para o meu senhor, não tendes nada?

OLÍVIA · Espera.

Revela-me o teu juízo a meu respeito.

VIOLA · Que imaginais não ser o que sois mesmo.

OLÍVIA · Se penso assim, o mesmo de vós penso.

VIOLA ·

Pois pensais certo, que eu não sou quem sou.

OLÍVIA ·

Fosseis vós como o querem meus desejos!

VIOLA · Fora bem, se com isso eu melhorasse; por ora sou apenas vosso bobo.

OLÍVIA · Oh! como assenta bem tanto desprezo no desdém e na ira de seus lábios!

Um assassino não se denuncia tão prestes como o amor que tem vergonha.

É dia claro a noite para o amor.

Cesário, pelas rosas da estação, pela honra, a virgindade e o coração,

amo-te tanto, embora altivo sejas,

que a teus pés é forçoso que me vejas.

Que contra mim o teu desdém não se arme por ter sido a primeira a declarar-me.

Diz a razão, forçoso é acreditá-lo:

buscar o amor é bom; melhor é achá-lo.

VIOLA · Pela inocência e a mocidade, não!

A fé que me dá vida ao coração

jamais mulher alguma submeteu

nem senhora já teve, senão eu.

Adeus, bondosa dama; nunca mais

vos falarei do amor que desprezais.

OLÍVIA · Volta, sim; quem nos diz não ser possível acolher-me a teu peito tão sensível?

(*Saem.*)

Ato III • Cena II

Um quarto em casa de Olfvia.

Entram sir Tobias Belch, sir André Aguebeek e Fabiano.

SIR ANDRÉ ·

Não, de forma alguma; não fico mais um só momento.

SIR TOBIAS ·

A razão, querido veneno; dá-me a tua razão.

FABIANO · Deveis expor a vossa razão, sir André.

SIR ANDRÉ · Ora, eu vi vossa sobrinha conceder ao servidor do conde mais atenções do que nunca o fez comigo. Eu próprio o vi, no jardim.

SIR TOBIAS · E ela sabia que te encontravas lá, meu velho? Conta-me como foi isso.

SIR ANDRÉ ·

Tão claramente como vos vejo neste instante.

FABIANO ·

Nesse caso, não podia dar-vos melhor prova de amor.

SIR ANDRÉ · Ora essa! Tomais-me por um asno?

FABIANO · Vou demonstrar-vo-lo, senhor, sob juramento do juízo e da razão.

SIR TOBIAS · Que já eram grandes jurados muito antes de Noé ser marinheiro.

FABIANO · Ela se desmanchava em atenção com esse moço, à vossa vista, somente com o fito de exasperar-vos, para despertar-vos o valor adormecido, inflamar-vos o coração e pôr-vos salitre no fígado. Deveríeis vos ter aproximado dela nesse momento e tapado a boca do rapazola com alguns ditos espirituosos de cunho recente. Era isso que ela esperava de vós e que não pôde obter; permitistes que o tempo limpasse a dupla mão de ouro dessa oportunidade, razão por que navegais agora no rumo norte da opinião da minha ama, onde ficareis pendurado como caramelo em barba de holandês, se não sanardes o erro com algum ato louvável, de bravura ou de política.

SIR ANDRÉ · Nesse caso, que seja de bravura, porque odeio a política; preferira ser brownista a ser político.

SIR TOBIAS · Então edifica a tua fortuna sobre a base do valor: desafia o pajem do conde para duelo e fere-o em onze lugares. Minha sobrinha pouco se importará com isso. De uma coisa podes estar certo: em questões de amor, não há mediador de mais eficiência do que a fama de valente.

FABIANO · É isso mesmo, sir André; é o único meio.

SIR TOBIAS · Vamos; escreve-lhe com mão marcial; sê breve e provocador; importa pouco o espírito, contanto que haja eloquência e originalidade; vergasta-o com toda a soltura da tinta, e se o tuteares umas três vezes, tanto melhor; dá-lhe quantos desmentidos couberem em uma folha de papel, ainda que esta seja tão grande como o leito de Ware na Inglaterra. Vai, vai tratar logo disso; põe bastante fel na tinta, importando pouco que escrevas com pena de pato. Vai logo.

SIR ANDRÉ · E onde vos encontrarei?

SIR TOBIAS · Iremos procurar-te no cubículo; vai.

(Sai sir André.)

FABIANO ·

Este manequim vos é muito caro, sir Tobias.

SIR TOBIAS · Eu é que lhe tenho saído caro, rapaz; umas duas mil libras, mais ou menos.

FABIANO · Vamos obter dele uma carta interessante; mas estou certo de que não a entregareis ao destinatário.

SIR TOBIAS · Se tal se der, nunca mais confieis em mim. Não só a entregarei, como incitarei o jovem, por todos os meios, para responder a ela. Julgo que nem a força de cordas e de bois poderia agora unilos. Quanto a André, se o abrides e encontrardes mais sangue no fígado do que o necessário para embaraçar as pernas de um mosquito, comprometo-me a comer o resto da anatomia.

FABIANO · O rapaz, também, seu adversário, não revela muita crueldade no rosto.

SIR TOBIAS ·

Aí vem a mais jovem carriça da ninhada.

(Entra Maria.)

MARIA · Se apreciáis a brincadeira e quereis rir a mais não poder, acompanhai-me. O bobo do Malvólio virou pagão, verdadeiro renegado. Não há cristão ortodoxo, desejoso de salvar-se pela fé, que possa crer em coisas tão inverossímeis e grosseiras. Está de meias amarelas.

SIR TOBIAS · E de ligas cruzadas?

MARIA · Medonhas! É tal qual pedante que toma conta de escola na igreja. Acompanhei-lhe o rastro que nem assassino; cumpre à risca todos os itens da carta que lhe atirei no caminho para burlar-me

dele: ri, fazendo mais linhas no rosto do que as do novo mapa com as Índias aumentadas. Jamais vistes coisa igual. Faço esforço para não atirar-lhe à cabeça, quanto me fica à mão. Sei que minha ama vai

bater-lhe, e, quando o fizer, ele ainda é capaz de rir, tomando a coisa como demonstração de amor.

SIR TOBIAS · Vamos, leva-nos até lá.

(Saem.)

Ato III · Cena III

Uma rua.

Entram Sebastião e Antônio.

SEBASTIÃO · Quisera não vos ter incomodado; mas uma vez que achais nisso alegria, não vos censurarei.

ANTÔNIO · Não pude ficar só, que o meu desejo, como punhal afiado, me impelia.

Não só queria ver-vos — suficiente razão para empreender tão longa viagem — como me achava inquieto, imaginando o que sofrer podíeis, por não terdes prática do lugar; para um estranho sem relações nem guia, ele é por vezes rude e inospitaleiro. O sentimento de atenção, secundado pelo medo, foi que me fez seguir-vos.

SEBASTIÃO · Meu querido

Antônio, só vos posso dar resposta com agradecimentos, e, de novo, com agradecimentos. Muitas vezes

essa moeda, que não corre, serve para pagar serviços. Se estivesse minha sorte de par com minha imensa gratidão, melhor paga ora teríeis.

Que faremos? Passeamos a cidade para admirar seus belos monumentos?

ANTÔNIO · Amanhã; procurai hoje hospedagem.

SEBASTIÃO · Não me acho fatigado e falta muito para a noite. Suplico-vos: façamos a vontade dos olhos, descansando-os nos monumentos e nas coisas célebres que dão fama à cidade.

ANTÔNIO · Ireis perdoar-me...

corro perigo andando pelas ruas.

Num combate naval contra as galeras do conde, certa vez prestei serviços, e de tal monta que, se me apanhassem, não teria prazer em confirmá-los.

SEBASTIÃO ·

Deixastes mortos muitos de seus homens?

ANTÔNIO · Minha ofensa não foi de natureza sanguinária, conquanto as circunstâncias do tempo e do litígio nos pudessem ter levado a empregar meios violentos.

Ter-me-ia sido fácil, depois disso, conciliar as coisas restituindo quanto dele tomara — no interesse do comércio — tal como quase todos da cidade o fizeram. Eu, somente, me abstive. Por tudo isso, se eu for preso na cidade, far-me-ão pagar bem caro.

SEBASTIÃO · De fato, deveis ter muita cautela.

ANTÔNIO · É o que penso. Ficai com minha bolsa; no arrabalde do sul, em “O Elefante”, come-se bem. Vou já cuidar da lista, enquanto encheis o tempo e vos instruíis visitando a cidade. Achar-me-eis lá.

SEBASTIÃO · Por que me dais a bolsa?

ANTÔNIO · Talvez nos fira a vista algum objeto que desejeis comprar. Segundo penso, senhor, vossa reserva é insuficiente para compras ociosas.

SEBASTIÃO · Serei vosso guarda-bolsa e vos deixo por uma hora.

ANTÔNIO · Ao “O Elefante”.

SEBASTIÃO · Sei.

(Saem.)

Ato III · Cena IV

Jardim de Olívia.

Entram Olívia e Maria.

OLÍVIA · Mandei chamá-lo; penso que há de vir.

Como hei de recebê-lo? Que hei de dar-lhe?

A mocidade vende-se mais vezes

do que cede a pedidos ou se empresta.

Falo muito alto.

Malvólio onde é que está? Sobre ser triste,

ele é solene. É criado que me serve.

Onde se acha Malvólio?

MARIA · Vem vindo, senhora, mas num estado

bastante esquisito. É quase certo estar possesso.

OLÍVIA · Como! Que foi que aconteceu? Delira?

MARIA · Não, minha senhora; mas não faz outra

coisa senão rir. Será bom que quando ele vier, fique

alguém perto de Vossa Senhoria, porque é certeza

estar o homem com uma telha de menos.

OLÍVIA · Vai chamá-lo.

(Sai Maria.)

Se entre a loucura alegre e a triste há pouca

diferença, como ele eu me acho louca.

(Volta Maria com Malvólio.)

Então, Malvólio?

MALVÓLIO · Inefável senhora, oh! oh!

OLÍVIA · Estás rindo?

Chamei-te para assunto muito triste.

MALVÓLIO · Triste, senhora! Eu poderia estar triste;

estas ligas cruzadas ocasionam certa obstrução no

sangue; mas, que importa, se agradam aos olhos de

certa pessoa? Dá-se comigo como no caso daquele

soneto verídico: “Se agrado a uma que seja, agrado a todas.”

OLÍVIA · Que é isso, Malvólio? Que se passa contigo?

MALVÓLIO · Não tenho a alma negra, muito embora

as pernas estejam amarelas. Foi ter às mãos do

dono; as ordens têm de ser cumpridas. Penso que

conhecemos a doce mão romana.

OLÍVIA · Não queres ir para o leito, Malvólio?

MALVÓLIO ·

Para o leito? Sim, meu coração; irei para onde estiveres.

OLÍVIA · Deus te ampare. Por que sorris dessa

maneira e beijas tantas vezes a mão?

MARIA · Como estais passando, Malvólio?

MALVÓLIO · Quereis resposta? Sim, poderia dar-vos; os rouxinóis respondem aos gaios.

MARIA · Por que vos apresentais ante a senhora com essa petulância tão ridícula?

MALVÓLIO ·

“Não tenhas medo da grandeza”, está escrito com propriedade.

OLÍVIA · Que queres dizer com isso, Malvólio?

MALVÓLIO · “Uns nascem grandes...”

OLÍVIA · Ah!

MALVÓLIO · “...outros adquirem grandeza...”

OLÍVIA · Que estás dizendo?

MALVÓLIO · “...e a outros a grandeza vem de encontro.”

OLÍVIA · Que o céu possa curar-te!

MALVÓLIO · “Lembra-te de quem elogiou as tuas meias amarelas...”

OLÍVIA · Meias amarelas!

MALVÓLIO · “...e desejava ver-te com ligas cruzadas.”

OLÍVIA · Com ligas cruzadas?

MALVÓLIO ·

“Avante, pois! Obterás tudo, se o desejares...”

OLÍVIA · Eu, obterei tudo?

MALVÓLIO · “...caso contrário, continuarei a ver em ti apenas o intendente.”

OLÍVIA · Mas isso é legítima loucura do verão!

(Entra um criado.)

CRIADO · Senhora, o jovem pajem do conde Orsino

está aí fora; custou-me muito convencê-lo a retornar;

está aguardando as ordens de Vossa Senhoria.

OLÍVIA · Já vou ter com ele.

(Sai o criado.)

Minha boa Maria, vigia este camarada. Onde se

encontra o primo Tobias? É preciso que fique

um dos meus servidores zelando dele com muito

cuidado. Daria metade de meus bens para que nada

de mal lhe acontecesse.

(Saem Olívia e Maria.)

MALVÓLIO · Oh! oh! Já vos aproximais de mim?

O meu guardião não deve ser inferior a sir Tobias?

Dá justinho com os termos da carta; envia-o de

caso pensado, para que eu o trate com insolência,

tal como determinou que o fizesse: “Despoja-te

de teu invólucro humilde”, diz ela; “sê hostil com

certo parente e rezingueiro com os criados; que de

teus lábios ressoem apenas argumentos de Estado; assume ares originais”. Daí, indicar-me como devo fazê-lo: rosto triste, postura, e assim por diante. Peguei-a no laço. Mas tudo isso é obra de Júpiter, do mesmo Júpiter que me fez de alma agradecida. E ao retirar-se? “Vigia este camarada.” Não disse Malvólio, nem me deu o título que me compete, mas chamou-me de camarada. Sim; tudo combina muito bem; não há uma só dracma de escrúpulo, um só escrúpulo de escrúpulo, um obstáculo sequer, nenhuma circunstância improvável ou duvidosa... Como dizer? Não há possibilidade que possa interpor-se entre mim e a cabal realização de minhas esperanças. Sim, é Júpiter, não eu, o realizador de tudo isso; a ele é que tocam os agradecimentos.

(Volta Maria com sir Tobias Belch e Fabiano.)

SIR TOBIAS · Em nome da santidade, por onde se meteria? Hei de falar-lhe, ainda que todos os demônios do inferno se confinem dentro dele, ou que ele esteja dominado pela própria legião.

FABIANO · Aqui está ele! Aqui está ele! Como passais, senhor? Como vai isso, homem?

MALVÓLIO · Para trás! Dispensar-vos a todos; deixai-me fruir a minha solidão. Ide!

MARIA · Como fala o inimigo dentro dele com voz cavernosa. Não é como eu vos dizia? Sir Tobias, a senhora recomendou que cuidásseis especialmente dele.

MALVÓLIO · Ah, ah! Ela disse isso?

SIR TOBIAS · Vamos, vamos; calma, calma! É preciso tratá-lo com jeito. Deixai isso por minha conta. Como estais passando, Malvólio? Como vos encontrais? Que é isso, homem! Resiste ao diabo; considera que ele é inimigo da humanidade.

MALVÓLIO · Sabeis o que estais dizendo?

MARIA · Estais vendo? Foi só falar no diabo, para que ele se ofendesse todo. Praza aos céus que não esteja enfeitado!

FABIANO ·

É preciso que a parteira lhe examine as águas.

MARIA · Sem dúvida; cuidarei disso amanhã bem cedo, se estiver viva. A senhora dá tudo para não perdê-lo.

MALVÓLIO · Ela disse isso, senhorita?

MARIA · Oh Deus!

SIR TOBIAS · Ficai quieta; desse jeito não conseguimos nada; não vedes como o deixastes excitado? Eu sozinho me arranjo com ele.

FABIANO · Só se consegue alguma coisa com brandura; brandamente, brandamente... O inimigo é áspero e não gosta de ser tratado com aspereza.

SIR TOBIAS ·

Então, belezinha! Como vais passando, meu anjo?

MALVÓLIO · Senhor!

SIR TOBIAS · Vem comigo, meu bem, vem comigo!

Ora, amigo, não fica bem para a gravidade brincar de bolinhas com Satanás. Enforca esse carvoeiro imundo!

MARIA · Fazei-o dizer as orações que ele souber, meu bom sir Tobias; obrigai-o a rezar.

MALVÓLIO · Minhas orações, cadelinha?

MARIA · Estais vendo? É justinho como vos disse; ele não quer saber de coisas santas.

MALVÓLIO · Ide-vos todos enforcar! Sois criaturas fúteis; não me misturo convosco. Dentro de pouco ficareis sabendo de mais alguma coisa.

(Sai.)

SIR TOBIAS · Será possível?

FABIANO · Se se levasse isto à cena, eu tacharia a peça de ficção improvável.

SIR TOBIAS · Ficou contaminado, amigo, por nossa brincadeira até nos últimos refolhos da alma.

MARIA · É isso; ide atrás dela para que a brincadeira não apanhe ar e venha a estragar-se.

FABIANO · Nós acabamos mas é deixando-o louco de verdade.

MARIA · Tanto melhor para a tranquilidade da casa.

SIR TOBIAS · Vamos; é preciso amarrá-lo e trancafiá-lo em um quarto escuro. Minha sobrinha já está convencida de sua loucura. Podemos prosseguir, para diversão nossa e seu castigo, até que a brincadeira se esgote de cansada, movendo-nos a nos apiedarmos dele. Nessa altura, faremos comparecer a malícia à barra do tribunal e te proclamaremos Rainha dos peritos de loucos. Mas vede! vede!

(Entra sir André Aguebeek.)

FABIANO · Mais assunto para a festa de 1º de maio.

SIR ANDRÉ · Aqui está o desafio; lede-o. Posso asseverar-vos que contém bastante vinagre e pimenta.

FABIANO · Está tão picante assim?

SIR ANDRÉ · Perfeitamente; garanto-o. Bastará lê-lo para vos convencerdes disso.

SIR TOBIAS · Dai-mo aqui. “Jovem, quem quer que sejas, não passas de um miserável!”

FABIANO · Bem dito, e bastante enérgico.

SIR TOBIAS · “Não reveles assombro ou admiração por tratar-te dessa maneira, que não pretendo justificar-me.”

FABIANO · Ótima cláusula, que vos ampara dos golpes da lei.

SIR TOBIAS · “Freqüentas a casa de lady Olívia, que na minha frente te dispensa carinhos. Mas mentes pelos gorgomilhos, pois não é esse o motivo de desafiar-se agora.”

FABIANO · Isso é que se chama estilo compreensível e... incompreensível.

SIR TOBIAS · “À volta de ti, armar-te-ei uma cilada; se tiveres a sorte de matar-me...”

FABIANO · Assim está bem.

SIR TOBIAS · “... fá-lo-ás como miserável vilão.”

FABIANO ·

Continuais a vos resguardar da lei; está muito bem.

SIR TOBIAS · “Passa bem; que Deus se compadeça de uma de nossas almas! Pode ser que ele se compadeça da minha, mas tenho melhor esperança. Cuida, por isso, de resguardar-te. Teu amigo, de acordo com o modo por que o tratares, e teu figadal inimigo

[André Aguecheek.”

Se esta carta não o deixar abalado, nem as próprias pernas o conseguirão. Vou entregar-lha.

MARIA · A ocasião que se vos oferece é favorável: ele está neste momento em conversa com a senhora e vai retirar-se dentro de pouco.

SIR TOBIAS · Sir André, ide postar-vos, como um esbirro, na esquina do jardim; logo que o virdes, desembainhai a espada, e, ao fazê-lo, proferi juras abomináveis, porque muitas vezes acontece que um juramento terrível, tropejado com acento fanfarrão, inculca mais bravura do que jamais o fez qualquer demonstração de valor. Toca!

SIR ANDRÉ · Deixai isso a meu cargo; em matéria de juramentos, estou sozinho.

(*Sai.*)

SIR TOBIAS · Eu é que não entrego a carta; o todo desse moço demonstra que ele é inteligente e de boa educação, conforme o prova a maneira por que ele atua entre o seu amo e minha sobrinhá. Daí não poder essa carta, reveladora de tamanha ignorância, causar-lhe nenhuma impressão de medo; perceberá logo que foi escrita por um alarve. Ao invés disso, desafia-lo-ei de viva voz e tais referências hei de fazer

ao valor de Aguecheek, que infundirei no jovem cavalheiro — moço e impressionável como deve ser — a mais espantosa opinião de seu ímpeto, destreza, fúria e agressividade. Desse modo, ambos ficarão tão apavorados que, como os basiliscos, somente com os olhos causarão a morte um do outro.

FABIANO · Aí vem vindo ele e vossa sobrinha; esperai que se despeçam, para ir-lhe depois no rastro.
SIR TOBIAS · Enquanto isso, vou pensando nas expressões horríveis de que deve constar o desafio.

(*Voltam Olívia e Viola.*)

OLÍVIA · Já falei demasiado para um peito de pedra e, sem cuidado, arrisquei a honra. Algo em mim me repreende essa fraqueza, mas ela é tão teimosa, que prossegue zombando de mim própria.

VIOLA · Tal qual vossa paixão, procede a pena do meu amo e senhor.

OLÍVIA · Aceitai esta jóia: é o meu retrato; não o recuseis; de língua ele carece para vos molestar. Vinde amanhã novamente, vos peço. Que podíeis pedir-me que o negasse, uma vez que a honra, com a concessão, ficará imaculada?

VIOLA · Apenas vosso amor para meu amo.

OLÍVIA · Sem compromisso da honra, como posso dar-lhe o que já vos dei?

VIOLA · Eu vos absolvo.

OLÍVIA · Vinde amanhã. Adeus. Um inimigo como tu és, no inferno dá comigo.

(*Sai. Voltam sir Tobias e Fabiano.*)

SIR TOBIAS · Deus te guarde, cavalheiro.

VIOLA · E a vós também, senhor.

SIR TOBIAS · Defende-te com as armas que tiveres; ignoro a natureza das ofensas que lhe fizeste; mas o certo é que o teu inimigo, cheio de despeito, ávido de sangue como o caçador, te espera no fundo do jardim. Saca logo da lâmina e trata de defender-te, que o teu opositor é pronto, destro e mortal.

VIOLA · Evidentemente, há engano, senhor; estou bem certo de não ter pendência com ninguém; minha memória está perfeitamente isenta e limpa de qualquer imagem de ofensa feita a quem quer que seja.

SIR TOBIAS · Posso asseverar-vos que ides convencer-vos do contrário. Por isso, no caso de terdes amor à vida, ponde-vos em guarda, porque

o vosso opositor reúne quanto pode ministrar a mocidade, a força, a destreza e o furor.

VIOLA · Por obséquio, senhor, quem é ele?

SIR TOBIAS · Um cavaleiro de espada ainda virgem, e que foi armado no tapete; em rixas particulares, porém, é um verdadeiro demônio; já ocasionou o divórcio entre três almas e três corpos; neste momento a sua cólera é de tal modo implacável, que só poderá satisfazer-se com a agonia da morte e sepultura. “A todo o azar” é a sua divisa; dar ou receber.

VIOLA · Vou voltar para perguntar à dona da casa o que devo fazer. Não sou briguento; já ouvi falar de indivíduos que procuram brigas com outros só para experimentar-lhes o valor. Decerto, trata-se de um desses.

SIR TOBIAS · Senhor, não; sua indignação provém de uma ofensa indiscutível; para a frente, pois, que é de necessidade fazer-lhe a vontade. À casa não voltareis, salvo se consentirdes em fazer comigo o que poderíeis fazer com ele em condições muito melhores. Para a frente, pois; ou despis logo a espada de sua bainha e vos decidis a lutar, o que já é inevitável, ou renunciáis a andar armado.

VIOLA · Tudo isso é tão descortês como estranho. Peço-vos o grande obséquio de perguntar a esse cavaleiro em que o ofendi; decerto se trata de alguma advertência de minha parte, não de qualquer ato voluntário.

SIR TOBIAS · Está bem; signior Fabiano, ficai junto deste cavaleiro até que eu volte.

(*Sai.*)

VIOLA · Por obséquio, senhor, sabeis do que se trata?

FABIANO · Só sei que o cavaleiro se encontra a ferro e fogo convosco, mas ignoro as circunstâncias do caso.

VIOLA · Por obséquio, que espécie de homem é ele?

FABIANO · As aparências não revelam o quanto de extraordinário ireis encontrar nele, quando lhe experimentardes o valor. Porque na verdade, senhor, é que não poderíeis encontrar em toda a Ilíria adversário mais hábil, sedento de sangue e mais fatal. Não quereis ir ao seu encontro? Se estiver no meu alcance, ensinarei a reconciliação.

VIOLA · Ficar-vos-ei por isso muito obrigado; pelo que me toca, sempre preferi a companhia dos sacerdotes à dos militares, pouco se me dando do que pensem de minha valentia.

(*Saem. Volta sir Tobias com sir André.*)

SIR TOBIAS · Pois é assim, amigo; trata-se de um verdadeiro demônio; jamais se me deparou um virago tão temível. Medimo-nos num assalto, com bainha e tudo, mas foi tal a rapidez com que ele me deu uma estocada, que não houve como evitá-la; e quando revida, dá-vos um golpe com a mesma maturidade com que firmais os pés no solo, para andar. Dizem que foi professor de esgrima do Sofi.

SIR ANDRÉ · Que a peste o carregue! Não me baterei.

SIR TOBIAS · Mas agora já não há jeito de acomodá-lo; Fabiano está dando pancas para contê-lo.

SIR ANDRÉ · Pois que o leve a breca! Se eu tivesse sabido que era tão bom esgrimista e valente desse jeito, preferira vê-lo nas unhas do demo a ter-lhe enviado o desafio; ele que deixe as coisas como estão, que lhe darei de presente o meu cavalo Capuleto.

SIR TOBIAS · Vou apresentar-lhe essa proposta; enquanto isso, mostrei daqui aparência corajosa; espero que tudo termine sem perda de nenhuma alma. (*À parte.*) Por Deus, que hei de cavalgar o vosso ruço tão bem como vos cavalgo.

(*Voltam Fabiano e Viola.*)

(*Para Fabiano*) · Deu-me o cavalo, para que eu harmonizasse as coisas; consegui convencê-lo de que o moço é um verdadeiro demônio.

FABIANO · Este também está fazendo uma idéia espantosa do adversário; mostra-se pálido e anelante, como se lhe viesse um urso no encaço.

SIR TOBIAS · Não há outro remédio, senhor; quer bater-se convosco, porque jurou que assim havia de fazê-lo. Contudo, depois de refletir sobre o motivo da pendência, concorda em que já não vale a pena falar nisso. Desembainhai, pois, a espada; é só para que ele cumpra o que jurou; compromete-se a não vos molestar.

VIOLA (*à parte*) · Deus que me proteja! Um pouco mais e lhes direi quanto me falta para ser homem.

FABIANO ·

Se virdes que ele está enfurecido, cedei-lhe terreno.

SIR TOBIAS · Vinde, sir André; não há outro remédio; este cavaleiro, só por pontos de melindre, deseja medir-se convosco num assalto. As leis do duelo assim o exigem; mas deu-me a palavra de cavaleiro e de soldado em como não vos molestará. Vamos: em guarda!

SIR ANDRÉ · Deus permita que cumpra a palavra!

(*Desembainha a espada.*)

VIOLA · Asseguro-vos que o faço contra minha vontade.

*(Desembainha também a espada.
Entra Antônio.)*

ANTÔNIO · Alto lá! Se este moço, por acaso, vos ofendeu, assumo toda a culpa. Se sois vós o ofensor, aqui me tendes.

(Saca a espada.)

SIR TOBIAS · Vós, senhor? Mas quem sois?

ANTÔNIO · Alguém que fará mais por amor dele do que ele porventura blasonara.

SIR TOBIAS ·

Se sois um compra-briga, folgo em ver-vos.

(Saca da espada.)

FABIANO · Meu bom cavalheiro Tobias, detende-vos! Vêm vindo os guardas!

SIR TOBIAS *(para Antônio)* ·

Encontrar-nos-emos depois.

VIOLA *(para sir André)* ·

Guardai a espada, senhor, se vos for do agrado.

SIR ANDRÉ · Com todo o gosto, senhor. Quanto ao que vos prometi, não faltarei; é de boa marcha e dócil de rédeas.

(Entram dois oficiais.)

PRIMEIRO OFICIAL ·

É este o sujeito; cumpre o teu dever.

SEGUNDO OFICIAL ·

Antônio, eu te detenho por mandado do Conde Orsino.

ANTÔNIO · Há engano, meu senhor.

PRIMEIRO OFICIAL ·

Nenhum, senhor; conheço-vos os traços muito bem, ainda mesmo sem levardes o gorro de marujo. Conduzi-o depressa; ele bem sabe que eu o conheço.

ANTÔNIO · Atendo. *(A Viola.)* ·

Isto vem de procurar-vos.

Não há remédio; sofro as conseqüências.

E agora que fareis, se a situação me força a reclamar-vos minha bolsa?

Muito mais me consome o que não posso fazer para ajudar-vos, do que quanto me tenha acontecido. Estupefacto vos mostrais; sede forte.

SEGUNDO OFICIAL · Vamos logo.

ANTÔNIO · Forçoso é que me deis ao menos parte do dinheiro.

VIOLA · Dinheiro? Que dinheiro?

Pela bondade que ora revelastes em meu favor e, mais pelo interesse que vossos sofrimentos me despertam, certamente concordo em emprestar-vos alguma coisa; não possuo recursos abundantes. No entanto, do que tenho, eis a metade.

ANTÔNIO · Não me conheceis?

É possível que o meu devotamento não vos tenha, deveras, comovido?

Não insulteis, assim, minha desgraça para que ela não venha a me fazer tão miserável, que me leve a ponto de lançar-vos em rosto os benefícios que vos prestei.

VIOLA · Não sei quais sejam eles, nem nada em vós me faz reconhecer-vos.

Odeio a ingratidão mais do que todos os vícios, a mentira, a vã jactância, a loquaz embriaguez e quanto o sangue frágil nos decompõe com seus venenos.

ANTÔNIO · Oh céus!

SEGUNDO OFICIAL ·

Por obséquio, senhor, vamos depressa!

ANTÔNIO · Um momento. Este moço que aqui vedes, tirei-o das mandíbulas da morte, socorri-o com grande santidade de amor e dediquei à sua imagem — que mérito inculcava — verdadeira devoção.

PRIMEIRO OFICIAL · E que temos nós com isso? Vamos; o tempo corre.

ANTÔNIO · Oh! Que vil ídolo

este deus se revela! Tu envergonhas, Sebastião, esses traços apazíveis.

Só a alma é que macula a natureza; a ingratidão carece de beleza.

Bela é a virtude; o vício é cofre imundo que o diabo só fez belo para o mundo.

PRIMEIRO OFICIAL ·

O homem enlouqueceu; levai-o. Vamos, vamos, senhor!

ANTÔNIO · Conduzi-me.

(Saem os oficiais com Antônio.)

VIOLA · No que disse, ele mostra indignação; parece convencido; eu, ainda não.

Oh ilusão, deixa em paz os meus sentidos!

Querido mano, fomos confundidos!

SIR TOBIAS · Vamos, cavalheiro! Vamos, Fabiano!
Cochichemos pelo caminho uma ou duas sentenças
assisadas.

VIOLA · Sim, disse Sebastião; meu mano, é certo,
em meu espelho vive; está bem perto.

De feições parecíamos; gostava
destas cores; assim sempre ele andava,
que em tudo o imito. Oh, fosse a tempestade
carinhosa e o mar cheio de bondade!

(*Sai.*)

SIR TOBIAS · Esse sujeito é mesquinho e desonesto,
além de covarde que nem lebre. Sua desonestidade se
manifesta pelo fato de haver ele abandonado o amigo

no infortúnio e no modo por que o renegou; quanto
à covardia, Fabiano que o diga.

FABIANO ·

Covarde, e com devoção; é religioso na covardia.

SIR ANDRÉ · Com mil demônios! Vou alcançá-lo
[para dar-lhe uma coça.

SIR TOBIAS · Isso mesmo; surra-o de verdade, mas
[não saques da espada.

SIR ANDRÉ · Se o não fizer...

(*Sai.*)

FABIANO · Vamos ver em que dá tudo isso.

SIR TOBIAS · Aposto quanto quiserdes em como
não acontecerá nada.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena I

Uma rua diante da casa de Olívia.

Entram Sebastião e o bobo.

BOBO · Quereis convencer-me de que não vim para
buscar-vos?

SEBASTIÃO · Vamos, vamos; és louco rematado;
liberta-me de ti.

BOBO · Bem respondido, não há dúvida! Não, não
vos conheço, nem fui enviado por minha ama para
dizer-vos que fôsseis falar-lhe, nem este nariz é meu;
tudo o que é, não é.

SEBASTIÃO · Vai exalar os teus caprichos em outra
parte; não nos conhecemos.

BOBO · Exalar meus caprichos! Ouviu a frase de algum
sujeito importante e agora quer aplicá-la a um bobo.
Exalar caprichos! Receio bem que esse grande lapuz, o
mundo, vire maricas. Rogo-te, agora, que te dispas de
tua extravagância e me digas o que eu devo exalar para a
minha ama. Ficará bem exalar-lhe que não demoras?

SEBASTIÃO · Por favor, grego tonto, vai-te daí.
Toma este dinheiro; se ficares mais tempo, obterás
pagamento pior.

BOBO · Por minha fé, tens a mão aberta; os homens
de juízo que dão dinheiro aos bobos, adquirem boa
reputação pelo prazo de quatorze anos.

(*Entra sir André.*)

SIR ANDRÉ · Então, senhor, torno a encontrar-vos?
Pois tomai lá esta!

(*Dá-lhe uma bofetada.*)

SEBASTIÃO · Toma tu também esta, e mais esta, e
mais esta!

(*Bate em sir André.*)

Serão todos loucos?

(*Entram sir Tobias e Fabiano.*)

SIR TOBIAS · Parai com isso, senhor, senão atirarei
vossa espada por cima da casa.

BOBO · Vou já contar tudo a minha ama. Nem por
dois pence eu quisera estar em vossa pele.

(*Sai.*)

SIR TOBIAS (*detendo Sebastião*) · Parai, senhor, com isso!

SIR ANDRÉ · Não, deixai-o, que eu saberei arranjar-
me de outra maneira. Vou intentar-lhe uma ação por
violência pessoal, assim haja leis na Ilíria. Embora
tenha sido eu o primeiro em ofendê-lo, não tem
importância.

SEBASTIÃO · Tira a mão!

SIR TOBIAS · Vamos, senhor, não vos soltarei. Vamos,
meu jovem soldado, ponde esse ferro de novo na
bainha; estou vendo que sois decidido. Vamos.

SEBASTIÃO · Eu quero é ficar livre.

(*Libertando-se.*)

Que desejás?

Se me provocas mais, saco da espada.

SIR TOBIAS · Como é isso? Estou vendo que é
preciso tirar-vos uma ou duas onças desse sangue
impertinente.

(*Saca da espada. Entra Olívia.*)

OLÍVIA · Pára, Tobias! Por tua vida, pára!

SIR TOBIAS · Senhora!

OLÍVIA · Há de ser sempre assim? Ingrato rústico, feito para montanhas e cavernas, que a lei dos bons costumes desconhecem! Longe da minha vista! Não te ofendas, bom Cesário. Retira-te, insolente!

(*Saem sir Tobias, sir André e Fabiano.*)

Peço-te, caro amigo, que tua nobre razão, não tua cólera, te guie nesta violência injusta e em tudo bárbara contra tua paz. A casa me acompanha, que lá te contarei quantas partidas

este biltre já fez, para que possas rir do que se passou. Tens de ir comigo. Dize que sim; careça de ventura quem ao meu pobrezinho cause agrura.

SEBASTIÃO ·

De que lado está o vento? Onde me ponho? Ou estou louco, ou tudo isto é um grande sonho. Mergulha-me no Lete, fantasia!

Deixa que o sonho dure noite e dia!

OLÍVIA · Não queres que eu te guie?

SEBASTIÃO ·

Quero, sim.

OLÍVIA · Pois se o queres, confia o resto a mim.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena II

Um quarto em casa de Olívia.

Entram Maria e o bobo; Malvólio, no quarto-escuro, contíguo.

MARIA · Veste agora a toga e põe estas barbas, para que ele pense que és sir Topas, o cura. Arranja-te depressa, enquanto vou chamar sir Tobias.

(*Sai.*)

BOBO · Vou vestir este negócio e disfarçar-me. Prouvera que fosse eu a primeira pessoa a usar a toga como disfarce! Não sou nem bastante gordo para desempenhar-me a contento destas funções, nem suficientemente magro para ser tido como letrado. Mas tanto vale ser chamado homem de bem e bom dono de casa como indivíduo sisudo e grande sábio. Eis que chegam os meus colegas.

(*Entram sir Tobias Belch e Maria.*)

SIR TOBIAS · Deus vos abençoe, senhor cura.

BOBO · Bonos dies, sir Tobias; porque, como dizia muito sabiamente à sobrinha do Rei Gorboduc o velho eremita de Praga que jamais vira tinta e pena: “O que é, é”. Assim eu, por ser o senhor cura, sou o senhor cura; pois, de fato, que é este “que” senão “que”, e esse “é” senão “é” mesmo?

SIR TOBIAS · A ele, sir Topas.

BOBO · Olá! digo eu. A paz reine nesta prisão!

SIR TOBIAS · O maroto sabe fingir à maravilha. Que tunante!

MALVÓLIO (*dentro*) · Quem está falando aí?

BOBO · Sir Topas, o cura, que veio visitar Malvólio, o lunático.

MALVÓLIO · Sir Topas, sir Topas, meu bom sir Topas, ide chamar a minha ama.

BOBO · Para trás, demônio hiperbólico! Por que martirizas esse coitado? Só sabes falar de mulheres?

SIR TOBIAS · Muito bem, senhor cura.

MALVÓLIO (*dentro*) · Sir Topas, jamais homem nenhum foi ultrajado como o estou sendo. Meu bom sir Topas, não julgueis que eu estou louco; puseram-me nesta escuridão medonha.

BOBO · Cria vergonha, Satanás desonesto! Se eu te falo com expressões modestas, é por ser dessas pessoas de bom gênio, que se revelam corteses até com o próprio diabo. Queixaste de que é escuro esse compartimento?

MALVÓLIO · Escuro como o inferno, sir Topas.

BOBO · No entanto está provido de bandeiras tão transparentes como rótulas e as clarabóias que dão para o norte-sul tão brilhantes como ébano; e ainda te queixas de falta de luz?

MALVÓLIO · Eu não estou louco, sir Topas. Afianço-vos que este compartimento é escuro.

BOBO · Não sabes o que estás dizendo, louco! Só te digo que nesse quarto não há outra escuridão afora a da ignorância em que te encontras mais atolado do que os egípcios em sua neblina.

MALVÓLIO · Digo que esta casa é tão escura como a ignorância, ainda que esta o seja como o próprio inferno; e digo mais, que nunca ninguém se viu tratado com tamanho abuso. Sou tão louco quanto vós; tirai a prova, perguntando-me qualquer coisa séria.

BOBO · Qual é a opinião de Pitágoras a respeito das aves silvestres?

MALVÓLIO · Que pode dar-se que a alma do nosso avô se aloje num pássaro.

BOBO · E que pensais a esse respeito?

MALVÓLIO · Faço da alma uma idéia muito nobre para poder aceitar semelhante doutrina.

BOBO · Então continua nas trevas; para que eu reconheça que te encontras no juízo perfeito, é preciso que aceites a opinião de Pitágoras e reveles medo de matar uma galinhola, para não desalojares a alma de tua avó.

MALVÓLIO · Sir Topas! Sir Topas!

SIR TOBIAS · Meu incomparável sir Topas!

BOBO · Como estais vendo, sou para todas as águas.

MARIA · Poderias ter feito tudo isso sem a beca e essa barba, porque ele não está te enxergando.

SIR TOBIAS · Fala-lhe agora sem disfarçar a voz e diz-me como o encontras. Já quisera ver o fim desta brincadeira; o ideal seria se pudéssemos libertá-lo sem inconveniente algum, porque tenho dado tantos desgostos a minha sobrinha, que já se torna perigoso prosseguir com a brincadeira. Depois, vai ao meu quarto.

(*Saem sir Tobias e Maria.*)

BOBO (*canta*) ·

Meu Robim, meu bom Robim,
como passa tua dama?

MALVÓLIO · Bobo!

BOBO (*canta*) ·

Que aconteceu? Que fez ela?

MALVÓLIO · Olá! Bobo!

BOBO (*canta*) ·

Ela gosta agora de outro.

Quem me chama?

MALVÓLIO · Querido bobo, se queres merecer minha gratidão, arranja-me uma vela, pena, tinta e papel. Tão certo como eu ser cavalheiro, hei de provar-te o meu reconhecimento.

BOBO · Mestre Malvólio!

MALVÓLIO · Ele mesmo, bondoso bobo.

BOBO · Ah, senhor! De que modo viestes a perder os cinco sentidos?

MALVÓLIO · Bobo, nunca ninguém foi tratado por maneira tão indecorosa; eu estou tão são do juízo como tu, bobo.

BOBO · Tão são do juízo quanto eu? Se não tens mais juízo do que um bobo, é que estás louco de verdade.

MALVÓLIO · Prenderam-me aqui, mergulharam-me nas trevas, enviaram-me sacerdotes — Cavalgaduras! — e fizeram quanto era possível para que eu enlouquecesse.

BOBO · Tomai cuidado com o que dizeis, porque o cura ainda não foi embora. Malvólio, Malvólio! Que o céu te restitua o juízo! Vê se consegues dormir um pouco e pára com esse palavrório inútil.

MALVÓLIO · Sir Topas!

BOBO · Não lhe respondas, caro amigo. — Quem, eu, senhor? Eu não, senhor. — Deus vos acompanhe, meu bom sir Topas. Amém, amém. Pois não, senhor! Pois não, senhor!

MALVÓLIO · Bobo! bobo! bobo! é só o que eu digo.

BOBO ·

Acalmai-vos, senhor. Que estais dizendo, senhor? Não sabeis que me repreendem, quando vos falo?

MALVÓLIO · Meu bondoso bobo, ajuda-me a obter um pouco de luz e papel. Posso asseverar-te que me encontro tão são do juízo como qualquer pessoa da Ilíria.

BOBO · Quem dera que isso fosse verdade!

MALVÓLIO · Por esta razão, que sim! Meu bondoso bobo, um pouco de tinta, papel e luz; depois, entregarás à senhora o que eu escrever. Com isso, vais ganhar uma propina como jamais conseguí qualquer entregador de cartas.

BOBO · Está bem; vou ajudar-vos no que puder; mas falai franco: não estais louco, mesmo, não passando tudo isso de fingimento?

MALVÓLIO ·

Podes crer-me; estou falando a verdade.

BOBO · Não pode ser; só acreditarei em um louco, depois de lhe examinar o cérebro. Vou arranjar-te luz, papel e tinta.

MALVÓLIO · Bobo, hei de recompensar-te com liberalidade. Vai depressa.

BOBO (*canta*) ·

Já fui, senhor;
mas dentro em pouco
convosco aqui estarei.
Para prover-vos,
ao velho Vício irei;
ao velho idoso,

com seu punhal de pau
que grita ao diabo au! au!
Vai roendo as unhas;

fica contente.
Adeus, meu pobre doente!

(Sai.)

Ato IV · Cena III

Jardim de Olívia.

Entra Sebastião.

SEBASTIÃO · Eis o ar, eis o glorioso sol; a pérola, presente dela, aqui a apalpo e vejo; e embora o assombro me circunde, nada disso é loucura. E Antônio, onde estará? Não pude achá-lo no “O Elefante”, embora lá tivesse ele estado; anda ele à minha procura, me disseram, na cidade. Como ouro, seu conselho ora me fora; pois embora convenham meus sentidos e a razão em que deve haver equívoco em tudo isto, mas não loucura franca, o fato em si, esta onda da Fortuna de tal modo ultrapassa o raciocínio, que sou propenso a desconfiar dos olhos e a lutar com a razão, que ora se empenha em provar tudo o mais, menos que eu me acho louco ou que a dama é louca. Se assim fosse,

não dirigira a casa e os servidores, nem cuidara, tampouco, dos negócios por modo tão discreto, brando e sábio como nela percebo. Algo confuso há em tudo isto. Mas ei-la que vem vindo.

(Entram Olívia e um sacerdote.)

OLÍVIA · A pressa desculpai-me; mas se tendes boa intenção, sem mais detença vinde comigo e este santo homem à capela, sob cujo teto sacro heis de empenhar-me vossa fé, porque alfim possa minha alma ciumenta e desconfiada achar sossego. Depois, celebraremos o esposório com o brilho que convém ao meu estado. Qual é vossa opinião?

SEBASTIÃO · Seguir-vos-ei, a vós e a este homem santo; ao juramento não serei infiel um só momento.

OLÍVIA · Bom padre, guia-nos. Possa o céu formoso lançar bênçãos a flux no par ditoso.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Uma rua diante da casa de Olívia.

Entram o bobo e Fabiano.

FABIANO · Se me tens amizade, deixa-me ver a carta.

BOBO · Fazei-me um grande obséquio, meu bom mestre Fabiano.

FABIANO · O que for do teu agrado.

BOBO · Não revelardes desejo de ler esta carta.

FABIANO · Fora o mesmo que se me desses um cãozinho de presente e depois pedisses que to devolvesse, para retribuir-te o mimo.

(Entram o duque, Viola, Cúrio e séquito.)

DUQUE · Pertenceis à Senhora Olívia, amigos?

BOBO · Sim, senhor; fazemos parte de seus ornatos.

DUQUE · Conheço-te perfeitamente; como vais passando, camarada?

BOBO · Bem, na razão crescente do número de inimigos e decrescente dos amigos.

DUQUE · É precisamente o contrário: quanto maior for o número de amigos, tanto melhor.

BOBO · Não, senhor: tanto pior.

DUQUE · Como pode ser isso?

BOBO · Ora, senhor, os amigos me adulam e me fazem de asno, ao passo que os meus inimigos me dizem abertamente que o sou, de forma que com os inimigos, senhor, aprendo a conhecer-me, ao passo que com os amigos me sinto prejudicado. Logo, se considerarmos as conclusões como beijos e se vossas

quatro negativas perfazem duas afirmativas, teremos que quanto mais amigos, tanto pior, e quanto mais inimigos, melhor.

DUQUE · Sim, senhor! Excelente!

BOBO · Não é tanto, senhor, posso asseverar-vos, muito embora vos agrade a vossa inclusão no rol dos meus amigos.

DUQUE · Pois não vais ficar pior por minha causa: toma lá esta moeda de ouro.

BOBO · Se não fosse parecer trapaça, senhor, pediria que tornásseis a jogar.

DUQUE · Oh! Aconselhais-me mal.

BOBO · Por esta vez, senhor, ponde vossa graça no bolso e deixai que o sangue e a carne lhe obedeam.

DUQUE · Pois que seja; consinto em fazer o papel de trapaceiro, jogando duas vezes: aqui tens outra moeda.

BOBO · Primo, secundo, tertio: bom jogo. Diz antigo provérbio que três é conta que o diabo fez. O compasso de três por quatro, senhor, é muito cômodo para dançar. Os sinos de São Bento, senhor, vos farão sempre lembrado: um, dois, três...

DUQUE · Sim, mas com semelhante lança não conseguireis deixar-me bobo a ponto de perder mais uma moeda. No entanto, se quiserdes comunicar à senhora que eu desejo falar-lhe, é possível que com isso fique um pouco mais desperta a minha liberalidade.

BOBO · Está muito bem, senhor; ficai ninando vossa liberalidade até que eu volte. Irei, senhor; mas não quisera pensásseis que é pecado de cobiça o meu desejo de adquirir. Mas, como bem o dissestes, senhor, deixai que vossa liberalidade fique tirando uma soneca, que eu me incumbo de despertá-la novamente.

(*Sai.*)

VIOLA · O homem, senhor, que me salvou é esse.

(*Entram Antônio e oficiais.*)

DUQUE · Essa fisionomia não me é estranha, conquanto a tenha visto toda suja pelo fumo da guerra, e negra como Vulcano: comandava um barco frágil, de calado e aparência miseráveis; mas com tal fúria o nosso mais galhardo navio ele abordou, que a própria Inveja, em coro com a voz dos que perdiam, “Honra ao bravo!” gritava. Que acontece?

PRIMEIRO OFICIAL ·

Este, Orsino, é o Antônio que a fragata Fênix aprisionou perto de Cândia; foi ele quem saltou na Tigre, quando vosso sobrinho a perna a perder veio. Desprovido de pejo e de recursos, numa rixa na rua o aprisionamos.

VIOLA · Fez-me um grande favor, pôs-se ao meu lado; mas por fim me falou de tal maneira, que só posso atribuí-lo a desvario.

DUQUE · Oh pirata famoso, bandoleiro da água salgada! Que imprudente audácia te entregou à mercê dos que fizeste teus inimigos com tão sanguinárias ações e de tão caras conseqüências?

ANTÔNIO · Orsino, nobre Duque, permiti que me limpe desses nomes.

Antônio nunca foi nem bandoleiro nem pirata, conquanto — não vos nego — tivesse sido, com razões sobejas, inimigo de Orsino. Foi feitico

que aqui me trouxe. Esse mancebo ingrato que se achava ao vosso lado foi das fauces espumantes e rábicas do oceano por mim arrebatado; já se achava perdido; dei-lhe a vida; mais do que isso: meu amor, sem a mínima reserva, dedicando-me todo a só servi-lo.

Por puro amor, para servi-lo, expus-me, nesta cidade imiga, a grandes riscos.

Saquei da espada para defendê-lo, quando o vi assediado. Ao me prenderem, não querendo associar-se à minha sorte, sua astúcia o ensinou a renegar-me pondo entre nós vinte anos de permeio num piscar de olhos, sobre recusar-me a devolver-me a bolsa que pouco antes, para seu uso próprio, eu lhe entregara.

VIOLA · Como é possível isso?

DUQUE · Desde quando chegou ele à cidade?

ANTÔNIO · Hoje, milorde; há três meses que estamos dia e noite de tal maneira juntos, que jamais um minuto, sequer, nos separamos.

(*Entram Olívia e séquito.*)

DUQUE · Eis a condessa; o céu baixou à terra.

Enquanto a ti, amigo, estás é louco.
Este jovem se encontra a meu serviço
há três meses; mas disso falaremos
depois; levai-o à parte.

OLÍVIA · Que meu senhor deseja, até o limite
do que for permitido, que não possa
satisfazê-lo Olívia? Não cumpriste,
Cesário, o que disseste.

VIOLA · Nobre dama...

DUQUE · Graciosa Olívia...

OLÍVIA · Que disseste, Cesário? Bom milorde...

VIOLA · Meu amo vai falar-vos; o respeito
me impõe silêncio.

OLÍVIA · Se se trata, acaso,
milorde, da cantiga conhecida,
ressoa-me aos ouvidos como ladro
de cães após a música.

DUQUE · Ainda cruel?

OLÍVIA · Ainda e sempre constante, meu bom lorde.

DUQUE · Sim, na perversidade. Oh mulher bárbara,
em cujo altar ingrato e inauspicioso
veio depor minha alma as oferendas
mais sinceras do amor! Que ora me fica
por fazer?

OLÍVIA · O que achardes, meu bom lorde,
que melhor vos assenta.

DUQUE · Por que causa
não me consente o peito fazer como
certo ladrão egípcio que, no ponto
de morrer, tirou a vida à bem-amada?
Pode ser ciúme bárbaro, mas algo
de nobreza revela. Ouvi-me, ao menos:
Visto me desprezardes a constância,
e eu suspeitar a causa de não ser-me
possível alcançar meu merecido
lugar no vosso apreço, continuai
viva, oh bela tirana empedernida!
Quanto ao moço a que amor dedicais tanto,
e que eu também — o céu me ouça as palavras! —
amo de coração, hei de arrancar-vo-lo
dos olhos cruéis onde ele o cetro empunha
para despeito do amo. Vamos, jovem!
Minha resolução já está madura
para a vingança. Vou dar morte à ovelha
muito amada, contanto que atormente
quem tem peito de corvo e alma inocente.

(Faz menção de sair.)

VIOLA · E eu, de grado e jucundo, aceitaria
mil mortes para dar-vos alegria.

(Seguindo-o.)

OLÍVIA · Para onde vais, Cesário?

VIOLA · Atrás de quem
amo mais do que os olhos, mais que a vida,
como nunca mulher foi tão querida.

Se estou mentindo, oh deuses do alto! a morte
me enviai logo, que aceito a minha sorte.

OLÍVIA · Ai de mim! Detestada! Oh grande embuste!

VIOLA ·

Quem vos logrou? Que ofensa eu vos causei?

OLÍVIA · Já te esqueceste? E a data eu lembrarei?
Chamai o padre.

(Sai um dos criados.)

DUQUE · Vamos.

OLÍVIA · Como assim?

Cesário, esposo, afastas-te de mim?

DUQUE · Esposo?

OLÍVIA · Esposo; afirmo o compromisso.

DUQUE · Seu marido, senhor?

VIOLA · Eu? Não sei disso.

OLÍVIA · É a baixela, estou vendo, do teu medo
que assim te leva a estrangular aquilo
que te pertence. Não te mostres tímido,
caro Cesário; é tua esta fortuna;
sê o que sabes que és, e serás logo
do tamanho de quem tu te receias.

(Entra o sacerdote.)

Bem-vindo, padre! Padre, eu te conjuro
por tua dignidade a revelares —
conquanto combinássemos, faz pouco,
deixar no escuro o que ora as circunstâncias,
antes de madurar, à luz trouxeram —
tudo quanto entre mim e este mancebo
sabes que tem havido ultimamente.

SACERDOTE · Um contrato de eterna união de amor,
pelo enlace das mãos de ambos sagrado,
confirmado também pela união santa
dos lábios e, por fim, fortalecido
pela troca de anéis. Todas as fases
desse contrato foram realizadas
perante mim, por força do meu posto.
Diz-me o relógio que após esse instante
só andei duas horas para o túmulo.

DUQUE · Oh tigrezinho falso! Que não hás de
fazer, quando te houver o tempo a fronte

com cinzas salpicado? Se tua astúcia não se desenvolver no mesmo passo, a cair talvez venhas em teu laço. Adeus; fica com ela; mas que seja teu paraíso onde eu jamais te veja.

VIOLA · Meu bom senhor, eu juro...

OLÍVIA · Não! Sê forte!

Tanto temor te privará da sorte.

(Entra sir André Aguebeek, com a cabeça quebrada.)

SIR ANDRÉ ·

Pelo amor de Deus, um cirurgião! Mandai outro, também, para sir Tobias.

OLÍVIA · Que aconteceu?

SIR ANDRÉ · Ele me abriu uma brecha na cabeça e deixou a de sir Tobias que é só sangue. Pelo amor de Deus, socorrei-me! Daria quarenta libras para estar agora em casa.

OLÍVIA · Quem vos fez isso, sir André?

SIR ANDRÉ · O cavalheiro do conde, um tal Cesário; pensávamos que ele fosse medroso, mas é o diabo em pessoa.

DUQUE · Meu cavalheiro Cesário.

SIR ANDRÉ · Por tudo quanto há, ali está ele! Abristes-me a cabeça por motivo fútil; o que eu fiz foi só por instigação de sir Tobias.

VIOLA · Por que essa acusação? Não vos fiz nada.

Contra mim, sem motivo, vos armastes; respondi com brandura, sem tocar-vos.

SIR ANDRÉ · Se a cabeça só sangra quando ferida, vós me feristes. Mas pelo que vejo, não dás nenhuma importância a cabeças nesse estado. Aí vem sir Tobias manquejando.

(Entra sir Tobias Belch, bêbedo, conduzido pelo bobo.)

Já ides saber de mais coisas. Se a bebida não lhe houvesse subido tanto à cabeça, ele vos teria feito cócegas de outro jeito.

DUQUE · Então, cavalheiro, que foi isso?

SIR TOBIAS ·

É muito simples; ele me feriu; nada mais.

Bobo, não viste o cirurgião Dick?

BOBO · Está bêbedo, sir Tobias, há mais de uma hora; os olhos se lhe fecharam às oito da manhã.

SIR TOBIAS · Nesse caso, é um canalha, que só serve para dançar pavana. Não há nada que eu odeie tanto como um canalha que se embriaga.

OLÍVIA · Levai-o daqui! Quem o pôs nesse estado?

SIR ANDRÉ · Vou ajudar-vos, sir Tobias; tanto

mais que é de necessidade cuidarem de nós dois ao mesmo tempo.

SIR TOBIAS · Quereis auxiliar-me? Cabeça de asno, velhaco presumido, parvo de cara amassada!

OLÍVIA · Levem-no para o leito e tratem dele.

*(Saem o bobo, Fabiano, sir Tobias e sir André.
Entra Sebastião.)*

SEBASTIÃO · Sinto, senhora, ter ferido vosso parente; mas fosse ele meu irmão,

de igual modo eu teria procedido,

que a prudência o exigia e a segurança.

Olhais-me estranhamente, de onde infiro

que vos magoei. Perdoai-me, queridinha,

quando por mais não seja, pelos votos sagrados que firmamos não faz muito.

DUQUE · Um só rosto, uma voz, o mesmo traje para duas pessoas! Afigura-se-nos

uma ilusão de espelho, que parece

falsa, a um tempo, e veraz.

SEBASTIÃO · Meu caro Antônio!

Como as horas me têm martirizado desde que te perdi!

ANTÔNIO · És tu, querido

Sebastião?

SEBASTIÃO · Receias isso, Antônio?

ANTÔNIO · Como vos separastes de vós mesmo?

Não se parecem tanto as duas partes

de uma maçã cortada. Qual é deles

Sebastião?

OLÍVIA · Que coisa impressionante!

SEBASTIÃO · Estou ali? Irmão, jamais o tive,

nem pode haver em minha natureza

o dom da ubiqüidade, que é dos deuses.

Tive uma irmã, que o mar e as ondas cegas

me roubaram. Por tudo o que há, que espécie

de parentesco entre nós dois existe?

De onde sois? Vossos pais? Que nome tendes?

VIOLA · Eu sou de Messalina; pelo nome

de Sebastião meu pai era chamado,

bem como o irmão que tive. Assim vestido

baixou este ao seu único sepulcro.

Se os espíritos podem, a um só tempo,

forma e traje assumir; vens espantar-nos.

SEBASTIÃO · Sou um espectro, sim, mas revestido

de grosseira aparência que me coube

desde o ventre materno. Se vós fôsseis

mulher, como o restante me convence,

de lágrimas o rosto vos banhara,
três vezes repetindo; sê bem-vinda
minha Viola naufragada, salve!

VIOLA · Meu pai tinha um sinal em meio à testa.

SEBASTIÃO · O meu também.

VIOLA · Morreu no dia certo em que treze anos
Viola completava.

SEBASTIÃO · Essa lembrança
ainda me vive na alma! O ato terreno
foi por ele concluído quando minha
querida irmã treze anos perfazia.

VIOLA · Se a não ser este trajo masculino,
que não me cabe, nada mais à nossa
dita se opõe, não me abraceis enquanto
não ficar claro, pelas circunstâncias
do tempo, do lugar e da fortuna,
que eu sou Viola. Para demonstrar-vo-lo,
levar-vos-ei a um capitão que se acha
nesta cidade e em cuja casa minhas
vestes próprias se encontram. Com sua ajuda
gentil, fui salva para ao nobre conde
poder servir. Quanto vivi desde essa
data, foi tão-somente entre esta dama
e este senhor aqui.

SEBASTIÃO (*a Olívia*) · Donde se infere
que um erro cometestes. Mas com isso
seguii seu próprio curso a natureza.
Uma virgem queríeis por consorte;
mas, pelo céu! não fostes enganada,
que escolhestes marido também puro.

DUQUE · Não vos mostreis pasmada, que ele é nobre
de sangue. Se tudo isto é verdadeiro,
como os fatos parece que o confirmam
também quero uma parte do naufrágio.

(*a Viola*) —

Disseste-me, menino, umas mil vezes,
que a nenhuma mulher dedicarias
em tempo algum amor como a mim votas.

VIOLA · Estou pronta a jurar tudo o que eu disse,
sobre na alma guardar os juramentos
como o sol guarda o fogo que separa
da noite escura o dia.

DUQUE · Dá-me a mão
e em tuas vestes próprias te apresenta.

VIOLA · Guarda-as em casa o capitão que à terra
me trouxe. Mas não sei por que pendência
ele está preso à ordem de Malvólio,

cavalheiro da casa de Milady.

OLÍVIA · Há de soltá-lo. Ide buscar Malvólio.

Mas agora me lembro ter ouvido
dizer que esse coitado está lunático.

O delírio alheador em que eu me achava,
fez-me olvidar do dele por completo.

(*Volta o bobo, com uma carta, e Fabiano.*)

Que faz ele, maroto?

BOBO · Para dizer a verdade, senhora, ele mantém
Belzebu tão longe do corpo, como o pode fazer uma
pessoa em suas condições. Mandou-vos esta carta;
já poderia ter-vo-la entregue hoje cedo; mas como
carta de louco não é Evangelho, pouco importa o
momento que chegue ao destino.

OLÍVIA · Abre-a e lê.

BOBO · É para ficar edificado, não há dúvida: um
bobo a ler as produções de um louco. “Por Deus,
senhora...”

OLÍVIA · Que é isso? Estás louco?

BOBO · Não, senhora; estou apenas lendo loucuras;
se Vossa Senhoria deseja que eu prossiga como é de
necessidade para o caso, deve dar inteira liberdade à
minha *vox*.

OLÍVIA · Assim não, por favor; lê no teu juízo
perfeito.

BOBO · É o que estou fazendo, madona; mas para ler
esta carta no juízo perfeito, é preciso fazê-lo deste
jeito. Por isso, prestai agora atenção, minha princesa,
e ouvido atento!

OLÍVIA (*a Fabiano*) · Lede-a vós.

FABIANO · “Por Deus, senhora, o mundo há de vir a
saber a ofensa grave que me fizestes. Conquanto me
houvésseis trancado no escuro e entregue à guarda
do borracho do vosso primo, conservo o uso dos
sentidos tão bem como Vossa Senhoria. Guardo
em meu poder a carta em que me induzis a proceder
como o fiz, esperando reabilitar-me com ela e
confundir-vos. Pensai de mim o que quiserdes; neste
momento deixo de lado o dever para falar-vos como
ofendido. Malvólio, a quem tratam como louco.”

OLÍVIA · Ele escreveu isso?

BOBO · Sim, senhora.

DUQUE · Não tem lá muito cheiro de loucura.

OLÍVIA · Fabiano, ide soltá-lo e aqui trazei-mo.

(*Sai Fabiano.*)

Milorde, se o quiserdes, após tudo,
considerar-me irmã em vez de esposa,

festejaremos num só dia a dupla cerimônia, aqui em casa e à minha custa.
DUQUE · Aceito vossa oferta de bom grado.

(A Viola) —

Vosso dono vos deixa, e em pagamento dos serviços de prol que lhe prestastes, contra a disposição de vosso sexo e a ternura que em tudo vos é própria, já que por tanto tempo me chamastes de senhor, minha mão ora aqui tendes: de ora avante és a dona de teu dono.

OLÍVIA · Uma irmã para mim, pois vós sois ela!

(Volta Fabiano com Malvólio.)

DUQUE · É este o louco?

OLÍVIA · Ele mesmo, meu bom lorde.

Malvólio, como passas?

MALVÓLIO · Ultrajastes-me, senhora, grandemente; é inconcebível injustiça.

OLÍVIA · Eu, Malvólio? Não fiz nada.

MALVÓLIO · Ultrajastes-me, sim. Lede esta carta;

não querereis negar que a letra é vossa:

fazei mais uma, se o puderdes, noutra

traçado e estilo; sim, dizei que o selo

não vos pertence, que a invenção é de outrem.

Impossível; deveis, pois, confessá-lo.

E ora explicai-me, em nome da modéstia,

por que me dispensastes tantas provas

de afeição, ordenando que eu sorrisse,

que usasse meias amarelas, ligas

cruzadas e tratasse com desprezo

sir Tobias e todo o povo miúdo.

E, enquanto eu, obediente e esperançoso,

fazia o que ordenastes, por que causa

me mandastes prender num quarto escuro,

onde enviastes um padre a visitar-me,

em palhaço, por fim, me transformando,

consumado e ridículo? Dizei-me.

OLÍVIA · Ah, Malvólio, esta letra não é minha,

conquanto seja parecida, é certo;

sem dúvida nenhuma, é de Maria.

Agora me recordo ter sido ela

quem primeiro me disse que te achavas

avariado do juízo; depois vieste

sorrindo e procedendo como se acha

determinado aqui. Sê calmo, peço-te.

É certo que judiaram de ti muito; mas quando conhecermos os motivos e os autores de tudo, há de encontrar-te como juiz e queixoso de tua causa.

FABIANO · Nobre senhora, ouvi-me, porque rixa

nenhuma, no futuro, nem discórdia

turvar possa o prazer da hora presente,

que me faz admirar. Nesta esperança,

confesso francamente que eu e Tobias

imaginamos esta brincadeira

contra Malvólio, para nos vingarmos

de certas coisas desonestas que ele

nos fizera. Essa carta foi escrita

por Maria, a pedido muito instante

de sir Tobias, que ora, em recompensa,

a tomou por mulher. Merecem menos

castigo do que risos as seqüências

dessa maldade divertida, caso

sejam imparcialmente e com justiça

pesadas as ofensas das duas partes.

OLÍVIA · Como foste judiado, bom Malvólio!

BOBO · Ora, “uns nascem grandes, outros adquirem

grandeza e a outros a grandeza vem de encontro”. Eu

também, senhor, tive o meu papel nesse entremez;

um tal sir Topas, senhor; mas nada disso tem

importância. “Por Deus, bobo, eu não estou louco!”

Não vos recordais? “Como pode a senhora encontrar

prazer em um idiota tão sem sal? Quando não

achais graça nos seus disparates, ele como que fica

amoraçado.” É assim que a carrapeta do tempo traz

consigo a vingança.

MALVÓLIO · Vou vingar-me de toda essa caterva!

(Sai.)

OLÍVIA · Foi muito o que fizeram com o coitado.

DUQUE · Ide atrás dele, a fim de concitá-lo

para a paz; ainda não nos disse nada

do capitão. Sabido que seja isso,

logo que nos soar a hora inefável,

por maneira solene nossas almas

unidas há de ser. Nesse entrementes,

cara irmã, ficaremos aqui mesmo.

Vamos, Cesário... Sim, que enquanto fores

homem, serás Cesário; só com vestes

feminis é que a esposa muito amada

vais ser de Orsino, de alma enamorada.

(Saem todos, menos o bobo.)

BOBO ·*Canção*

Quando eu ainda era muito mocinho,
com vento e chuva, com hei, com hô,
era a loucura jogo mesquinho,
porque chovia todos os dias.

Ao ficar homem de voz atroante,
com vento e chuva, com hei, com hô,
fugiam todos do grão tunante,
porque chovia todos os dias.

Quando, casado, quis prosperar,
com vento e chuva, com hei, com hô,

vi que a folia só traz azar,
porque cai chuva todos os dias.

Ao recolher-me, com meu vizinho,
com vento e chuva, com hei, com hô,
já vinha tonto de tanto vinho,
porque chovia todos os dias.

Há muito tempo que o mundo roda,
com vento e chuva, com hei, com hô,
fica esta peça sempre na moda,
para agradar-vos todos os dias.

(Sai.)